

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor chefe: NILO VAL — Redactor gerente: PAES d'ANDRADE — Redactor secretario: A. PAMPHIRO
Red. e off. — Ruá da Quitanda, 74

ANNO XI

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1923

N.º 122

MAIS UM ANNO

Com o numero 121, sahido ha um vez, entrou A Defesa Nacional no seu undecimo anno de existencia.

Nascida em uma época em que se tornou precisa a accão decidida de um organo de imprensa capaz de harmonisar e divulgar a idéa de uma completa remodelação nas praxes do nosso Exercito quanto á sua instrucção, no louvável intuito de colocal-o ao nível do progresso militar que se realizava em todas as nacionalidades, não pequenas foram as luctas a travar com as reacções naturaes do meio, a despeito do encorajamento recebido da mocidade que florescia e do apoio igualmente recebido de velhos chefes em cujos corações não fenecera o grande amor pelo prestigio de nossa classe, como garantia da propria patria.

Para quem conhece as difficuldades tem conta que assoberbam a toda e qualquer iniciativa que se tome na actividade jornalistica, esses dez annos decorridos representarão, de certo, uma prova exhuberante do esforço excepcional desenvolvido, quer pelas varias direcções da revista, quer por aquelles que, com o concurso precioso de suas assignaturas, tanto concorreram para que ella se firmasse e conseguisse vencer a todos os obstaculos surgidos em sua marcha.

E' possivel que, no decorrer desse decennio, nem todos os problemas militares hajam podido ser tratados com o desenvolvimento merecido e que muitos delles mesmo nem tenham sido ainda mencionados, mas nem por isso deixaremos de experimentar um grande conforto ao vermos que nossa revista procura in-

cessantemente realisar o seu programma e não esmorece na lucta perenne em prol da grandeza do Exercito, para o qual ella vive e do qual tem, felizmente, recebido as mais inequívocas provas de solidariedade.

Consagrada exclusivamente aos assuntos technicos, dando ampla liberdade de opinião aos seus collaboradores, «A Defesa Nacional» tem concorrido para estimular a investigação da verdade, para divulgar as idéas novas, para incentivar o trabalho fecundo dos camaradas experimentados ou não, no louvável intuito de a todos interessar no objectivo que ella collima.

Muito lhe resta ainda a fazer e ella bem comprehende as grandes responsabilidades que lhe pesam e que se avolumam de dia para dia pela complexidade crescente dos assumptos militares, maximé depois que os grandes acontecimentos guerreiros convulsionaram a Europa inteira e trouxeram como consequencia um profundo abalo em organizações e theorias que pareciam definitivamente assentadas nos solidos alicerces da positividade.

Não, esmorecerá, porém, nossa revista. Ella ha de conjurar galhardamente a crise que atravessamos e que bem de perto a tem chocado.

Em quanto ella tiver o apoio do Exercito, consubstanciado na solidariedade e no prestigio reciproco de seus elementos, ella não baqueará nem conhecerá diffuldade insuperavel, pois que será seu guia a firme resolução de conservar-se digna do apreço que, felizmente, tem sempre merecido.

O novo regulamento do ensino militar

Cogita-se de uma nova reforma no ensino militar. Sei bem que se acha á frenté do Estado Maior do Exercito um antigo cultor dessa difficult sciencia que é a Balistica. Conheço os seus estudos publicados quando ainda tenente numa das revistas do exercito que então existiam. Um erro na Balistica do notavel *Cranz*, nessa occasião esse illustrado oficial revelou e o grande balístico, o collendo mestre, como respeitosamente o chama o articulista de então, teve a promover. Não é, porém, ao chefe do Estado mar. Não é porém ao chefe do Estado Maior que me dirijo e sim aquelles que começam a ver exágeros theoricos em a nova orientação que se pretende dar ao ensino militar. Certo, sem balistica se pode chegar a ser general. Agora, do que eu não estou certo é de que, sem ella, se possa ter bom armamento, num paiz em que ha falta de technicos, como entre nós. Os logros que já temos tomado, já nos deviam ter aberto os olhos a esse respeito.

Parece, não affirmo, porque não tive a honra de ler o projecto do novo regulamento, que essa sciencia será elevada em o novo programma de ensino da Escola Militar, ao grão de desenvolvimento que lhe dão os argentinos, o que lhes valeu o admiravel armamento que possuem, e cuja superioridade sobre o nosso, o resultado do concurso de tiro do Centenario constituiu uma prova flagrante, a julgar pelos depoimentos dos nossos atiradores, accordes em attribuir o grande distanciamento em pontos obtidos pelos nossos vizinhos á muito maior precisão das armas que traziam. E' cousa sabida que, em egualdade de pericia por parte dos atiradores, o numero de pontos varia com a precisão e justeza da arma. Não nos surprehende essa explicação: a Balistica, compendio official da Escola Militar desse paiz, um dos melhores compendios que conhecemos, mandada publicar pelo Estado Maior, tem tido nu-

merosas edições. Muito embora esse compêndio não seja um tratado completo, contudo os amplos conhecimentos que ministra dão a qualquer official estudioso mesmo sem ser um technico, os conhecimentos sufficientes para não se deixar embahir pelas espertezas e *trucs* dos agentes commerciaes de venda de armamento, e a qualquer official instructor o conhecimento bastante para tirar aos monitores toda e qualquer duvida na interpretação dos regulamentos de tiro. Antes da guerra, os officiaes de tropa não davam grande apreço á Balistica, considerada sciencia de gabinete e dos polígonos de tiro e experiencias. Contentavam-se com o estudo mais ou menos empirico dos regulamentos de tiro. Hoje as cousas estão algo mudadas: a «Instrucção geral para o tiro de artilharia adoptada o anno passado em França, quasi um compêndio de Balistica de efeitos, vem precedida de noções sobre as duas outras partes dessa sciencia. Creio que, postas ahi a titulo de recordação, não têm outro merito, senão de atrahir para o seu estudo os officiaes principalmente da artilharia. As edições successivas e cada vez mais ampliadas das obras de *Charbonnier*, o mais notável dos balísticos de França, e cuja grande obra em 4 volumes, um momento da matéria, começa a ser publicada, tendo já sahido o primeiro volume, provam o desenvolvimento, inesperado que a guerra, pelas suas exigencias de grande potencia (problema de Balistica interior, grande alcance (problema de Balistica exterior, tiro de precisão sobre alvos invisiveis (problema de Balistica de efeitos), veio lhe dar.

Causa satisfação saber, pois, que o novo regulamento, em vez de irrisoria Balistica, uma balistica dupla ou de duas cabeças, uma para a infantaria e outra para a artilharia, 2 aulas por semana num curto periodo de 4 meses, teremo-

um curso de Balistica Integral (Balistica Interior e Exterior, nestá compreendida a de effeitos). Mas, e isto é importante, qual Balistica? A geral, a elementar ou mero curso de tiro?

Ha dez ou vinte annos atraç poderia haver duvidas sobre o exato significado dessas tres denominações dadas á sciencia do tiro. Hoje não, principalmente após a obra publicada em 1921, de *Risser e Roussier*, sobre os methodos em Balistica. Não sómente podemos definir claramente essas tres especies distinctas dee Balistica, como delimitarmos seus dominios, assignalarmos seus fins e especialisar seus destinos. Nesta mesma revista já o fizemos em anno anterior.

A Balistica geral está reservada aos technicos das fabricas de armamentos e ás escolas technicas nos paizes que as possuem; apenas dois paizes a adoptam em suas escolas navaes e assim mesmo sómente a Exterior e de Effeitos: os E. U. A., cujo *text-boock* é o *Alger*, e a Italia, cujo compendio é o *Ronca e Bussani*. Era, não sabemos se ainda, existe essa escola, o programma da escola technica de engenheiros-artilheiros da Alemanha, onde pontificava o *Cranz*, cujas doutrinas se acham condensadas em 4 volumes já publicados e onde esteve matriculado um de nossos officiaes de artilharia, tendo apenas iniciado o seu curso, devido á declaração da guerra. Sobre a materia ainda temos nos E. U. A. as obras do *Ingalls*, na França, além do eminente *Charbonnier*, temos *Vallier* e *Dufrenoy*, na Italia *Bianchi*, *Mayewsky* na Russia, cujas doutrinas, apezar de antigas, ainda gozam, com fundadas razões, da preferencia dos norte americanos; na Hespanha, *Yanner-Vella*. Desnecessaria adoptal-a, a Balistica geral, em nossa Escola Militar, mesmo para os alumnos de Artilharia.

A Balistica elementar ou pratica é especialmente destinada ao official de tropa. E' geralmente compendiada em um volume, com conhecimentos sobre as tres partes da Balistica. Entre seus autores, para só citar os modernos, temos em França *Vallier*; *Heidenreich* na Alemanha; *Haesen* na Belgica, *La Ilave*

em Hespanha, *Lissak* na Norte America, *Baisi* na Argentina e *Parodi* na Italia. Essa, a Balistica que devemos adoptar na Escola Militar, uma unica para todas as armas, como de ha longos annos o fazem os argentinos.

Os «cursos de tiro», reservados para os sargentos, monitores e officiaes de complemento, são constituidos pelos regulamentos de tiro das armas. Os compendios especializados explicam e interpretam esses regulamentos. Existem varios em cada paiz. Obras de pouco valor scientifico, raramente transpõem as fronteiras dos paizes que as possuem, pois referem-se geralmente aos armamentos nelles em uso. Comtudo, alguns desses cursos de tiro têm chegado até nós, como o *Treguier*, o *Rhone*, o *Haesen*, o *Torres*, hespanhol, e outros. Mesmo entre nós, os raros compendios de Balistica geral ou elementar, da Marinha, como o *Fonseca Neves*, o *Prado*, e outros mais antigos, são incompletos, existem varios autores de cursos de tiro, como o do meu illustrado collega *Xavier de Oliveira* sobre o tiro indireto; o da Escola Policial de São Paulo, organizado pela commissão franceza que instrue essa milicia, o antiquado *Borges Fortes*, quasi tradução do excellente «Cours des Ecoles de tir de France» que, modernisado, ainda é um modelo no genero; o Tiro Brasileiro de *Carlos Lopes*; o Tiro de fusil de *Azeredo Coutinho*; o Auxiliar do Instructor de Tiro de *Manoel Alexandrino*; Artilharia de Campanha de *Andrade Neves*, etc., além de muitos folhetos esparcos que nem sempre primam pela exactidão.

Ponho de lado a ideia de se vir a adoptar, na Escola Militar, um simples curso de tiro mesmo só para os alumnos das armas de infantaria e cavallaria. Isso seria retrogradar ainda mais.

Nitidamente caracterisada essas tres orientações no estudo da Balistica, deve o Estado Maior tornar bem claro em o novo regulamento a sua directriz, por amor á unidade de doutrina e á competencia real e effectiva dos nossos officiaes.

Sebastião Fontes
Prof. da E. M.

Um anno de instrucción (I. Q. T.) no 4º R. A. M.

(Treichos do livro assim intitulado e notas)

Calendario para o anno de 1923 — 24 Novembro

Dia 3 — As bias apresentam uma primeira relação de analphabetos.

Dia 5 — Inicio do anno de instrucción militar.

Idem das escolas de alphabetisação.

Idem da revisão da instrucción dos sgt. para monitores (por G.).

Dias 5 a 10 — Ordem sobre a instrucción dos officiaes.

Ultimação do inquerito pelas bias, entre os recrutas, sobre habilitação escolar e profissional, familia, residencia da mesma.

Dia 10 — Conclusão do 1.º exame medico da 1.ª incorporação (fichas) e da sua vaccinação ou revaccinação.

Dia 15. — Festa da Republica.

Dias 16 e 17 — Os cmt. de bia assentam a 1.ª divisão de seu pessoal, material e cavallos entré os sgt. ou seus substitutos e fazem organizar os respectivos cadernos.

Dia 19 — Festa da Bandeira.

Dia 20 — Inicio da instrucción especial dos apontadores novos.

Inicio do estudo das alterações nos Regulamentos, a propór ao E. M. E.

Dias 19 a 28 — Exclusão do pessoal da 2.ª incorporação de 1922 em duas turmas.

Dias 20 a 24 — 1.ª conferencia medica ás praças (por G.) sobre doenças venereas.

Dia 22 — As bias propõem a 1.ª classificação de seus recrutas em artilheiros e conductores.

Dia 24 — O R. publica a classificação.

Dia 29 — Revista dos cadernos dos sgt. (ver 16 e 17) pelos cmt. G.

DEZEMBRO

Dias 3 a 8 — Primeiro exame phisico do pessoal da 1.ª chamada. — 5.º exame medico do pessoal de 16 mezes. — Exame medico dos demais engajados, Conclusão do 1.º exame medico do pessoal da 2.ª chamada (fichas) e da sua vaccinação ou revaccinação.

Dia 4 — As bias apresentam a 1.ª relação de analphabetos da 2.ª chamada.

Dia 5 — O Regimento matricula na escola os novos analphabetos.

Dias 10 a 15 — Ultimação do inquerito entre o pessoal da 2.ª chamada, sobre habilitações, familias e residencias.

Publicação do programma para disputa da taça «Cap. Raul».

2.ª conferencia ás praças (por G.) sobre doenças venereas.

1.ª escolha do novo pessoal para a formação sanitaria.

As bias indicam os candidatos a cabo e discriminam os candidatos a off. de res.

— O R. publica a relação.

Dia 12 — Os cmt. de G. propõem os encarregados, programma e horario para a espéctativa escola de cabos.

Dia 14 — O cmt. do R. publica a sua decisão a respeito e sobre os candidatos a off. da res.

Dia 17 — Inicio das escolas para cabos (inclusive da dos candidatos a off. de res.)

Dias 17 e 18 — 1.ª repartição do pessoal da 2.ª chamada entre os chefes de turmas (cadernos de sgt.)

Dia 20 — As bias propõem a 1.ª classificação dos recrutas da 2.ª chamada em conductores e artilheiros.

Inicio das caçadas hippicas.

Dia 21 — O regimento publica a nova classificação de conductores e artilheiros.

Encerramento do curso de monitores. Exame dos cadernos de sgt., pelos cmt. de G.

Dia 22 — Os cmt. do G. publicam os programmas para a instrucción de sgt. durante o restante do 1.º periodo.

Dia 22 a 29 — Dispensa de uma turma de praças por 7 dias.

Dias 30 a 6 de Janeiro — Idem de outra turma.

JANEIRO

Dia 7 — Inicio da Instrucción especial dos sgt.

Ordens sobre a instrucção dos oficiais.

Dias 7 a 12 — 1.º exame physico de 16 meses. — Exame physico dos demais engajados.

Ultima selecção dos candidatos a cabo.

Dias 14 a 19 — Tiro real para demonstração aos recrutas (um canhão por bia, 4 a 8 disparos).

Dia 20 — Festa da fundação do R. — Disputa da taça «Cap. Raul».

Dias 21 a 26 — As bias indicam as trocas de classificação entre conductores e artilheiros. — As bias designam em seu Bol. os candidatos a conductores, apontadores, signaleiros, telephonistas, cosinheiros, artifícies; e indicam em entendimento com o vet. os aprendizes de ferrador e candidatos a enfermeiro veterinario; o ajo. do R. indica, em entendimento com as bias, os aprendizes de clarim. — O R. regula a frequencia da instrucção dessas especialidades a receber fóra das bias.

Ordens sobre o foot-ball regimental (torneio).

3.ª conferencia ás praças (por G.) sobre doenças venereas.

Dia 28 — Passam a ter preferencia os conductores no ensino da equitação.

Dias 28 a 30 — O medico apresenta o programma de instrucção dos enfermeiros e padioleiros. — O R. o publica.

Dia 30 — Exame dos cadernos de sgt. pelos cmt. de G.

FEVEREIRO

Dia 1 — Os recrutas começam a concorrer nos serviços de escala.

Dias 1 a 9 — 2.º exame medico do pessoal da 1.ª chamada.

Dia 4 — Inicio da instrucção dos especialistas ou empregados, designados ou indicados no fim de Janeiro, e dos da formação sanitaria, sem prejuizo da instrucção que devem todos elles continuar a receber na bia.

Inicio do ensino da tracção aos animaes novos, com os conductores antigos.

Dias 18 a 29 — Os cmt. de G. passam revista nas escolas de equitação dos conductores recrutas e marcam o inicio do seu ensino de tracção.

Dia 26 — Exame dos cadernos de sgt. pelos cmt. de G.

Dias 27 e 28 — Idem pelo Fiscal.

Dia 24 — Inicio do torneio regimental de foot-ball (entre as bias).

Dias 25 a 29 — Exclusão em duas turmas do pessoal de 16 meses.

MARÇO

Começam os exercícios nocturnos.

Dias 1 a 8 — 2.º Exame medico do pessoal da 2.ª chamada.

Dias 3 a 8 — 2.º Exame physico do pessoal da 1.ª chamada.

Ordem sobre o exame de cabo para os candidatos a off. de res.

Dias 10 a 15 — Os cmt. de G. publicam as suas ordens sobre as marchas de treinamento.

Conferencia medica ás praças (por G.) sobre os cuidados nas marchas, especialmente contra a insolação.

Dia 17 — Inicio das marchas de treinamento.

Dias 17 a 22 — Exame de cabo aos candidatos a off. de res. (promoção a 21 de Abril). — Ordens para o curso de sgt. a esses candidatos.

Dia 27 — Inicio desse curso.

Dias 25 a 29 — Exclusão em uma turma do pessoal de 16 mezes.

Os cmt. de G. propõem o programma para o exame do 1.º periodo. — O R. publica as linhas geraes do programma.

Ordem sobre tiro real de bia.

Publicação de um programma desportivo para 21 de Abril.

Exame medico dos engajados.

ABRIL

Dias 1 a 5 — segundo exame physico do pessoal da 2.ª chamada. — Exame physico dos engajados.

Dias 1 a 10 — Tiro real de bia. Inicio das marchas nocturnas.

Publicação do programma para os exames do 1.º periodo (inclusive dos candidatos a cabo).

Dia 11 — Encerramento da instrucção do 1.º periodo.

Dias 12 a 19 — Exames de recrutas e candidatos a cabo.

Dia 21 — Compromisso á Bandeira. — Festa desportiva. — Promoção dos novos cabos. — Declaração de mobilisaveis e não mobilisaveis.

Dias 22 a 26 — Dispensa de uma parte do pessoal por 4 dias.

Programma de instrucção para o 2.º periodo. — Ordens complementares dos cmt. de G., inclusive sobre a instrucção aos não mobilisaveis.

As bias indicam os candidatos a sgt. — O R. publica a relação. — Ordens sobre o curso de sgt.

Dia 28 — Inicio do segundo periodo de instrucção (inclusive da escola de candidatos a sgt.).

MAIO

Dia 5 — Inicio da preparação dos novos cadernos de mobilisação.

Dias 5 a 10 — Terceiro exame medico do pessoal da 1.ª chamada.

Exame dos candidatos a ferradores, clarins, artifices, e a cabos dessas especialidades. — Classificação e promoção de correntes.

As bias indicam troca de classificações. — O R. publica as novas classificações. — Reforma dos cadernos dos sgt.

Dias 12 a 17 — 1.º concurso de pontaria.

Dia 24 — Festa desportiva do soldado. — Inicio do torneio regional de foot-ball.

Dias 26 a 29 — Os cmt. de G. apresentam programma para o exame do pessoal das transmissões.

Exame dos cadernos de sgt. pelos cmt. de G. e pelo fiscal.

Dia 31 — O R. publica o programma do exame do pessoal das transmissões.

JUNHO

Dias 2 a 7 — 3.º exame physico do pessoal da 1.ª chamada. — 3.º exame medico do pessoal da 2.ª chamada.

Exame prévio do pessoal das transmissões.

Ordem para o exame de sgt. aos candidatos a off. res.

Dia 3. — 1.º estudo de caderno de mobilisação.

Dia 5 — 1.º exercicio de bia com efectivo de guerra.

Dias 6 a 10 — Exame para sgt. aos candidatos a off. de res.

Dia 11 — Promoção dos novos sgt. — Publicação do programma para o curso de cmt. de secção.

Idem para o treinamento de raids. — Idem para os exames de 2.º periodo.

Dias 12 a 14 — Indicação de candidatos ao curso de cmt. de secção.

Dia 16 — Inicio do curso de cmt. de secção.

Idem dos treinamentos para os raids. — Ultima selecção dos candidatos a sgt.

Dias 16 a 21 — Conferencia medica ás praças (por G.) sobre cuidados na marcha.

Programma para a campanha de fim do periodo, inclusive exames de bia.

Dias 23 a 28 — Exame do pessoal das transmissões. — Idem do pessoal da formação sanitaria. — Classificações de correntes.

Exame medico dos engajados.

JULHO

Dias 3 a 17 — Marchas, tiro real e exames de bias.

Dias 18 e 19 — Exame physico dos engajados.

Ordens sobre a execução dos raids.

Dias 19 a 22 — Programmas de instrucção para o 3.º periodo. — Ordens complementares dos cmt. de G.

Dia 20 — Encerramento da temporada das caçadas hippicas.

Dias 20 a 25 — Dispensa de uma parte do pessoal por 4 dias.

Dia 21 — Os cmt. de G. apresentam o programma para o concurso de conductores.

Dia 23 — Inicio da instrucção do 3.º periodo.

Dias 28 a 2 de Agosto — 2.º concurso de pontaria. — Campeonato. — Concurso de conductores.

AGOSTO

Dias 1 a 9 — 4.º exame medico do pessoal da 1.ª chamada.

Dias 25 a 30 — Exame dos candidatos a sgt. — Idem a sgt. artifice.

Exame das escolas de alphabetisação.

SETEMBRO

Dia 1 — Promoção dos novos sgt. — As bias indicam o pessoal a encarregar da continuação do ensino aos analfabetos.

Dias 1 a 6 — 4.º exame physico do

pessoal da 1.^a chamada. — 4.^o exame medico do da 2.^a

Dias 1 a 15 — Trabalhos da parada de 7 e manobras.

Dias 16 a 30 — Trabalhos de limpeza e reparação no material de guerra, no de instrução e nas dependencias das bias, etc.

Dia 19 — Festa do encerramento do anno de instrução. — Eventualmente inicio do licenciamento para a reserva. — Promoção de graduados para a reserva.

Dias 22 a 30 — Exame da escola de cmt. de secção.

Engajamentos por 4 meses.

OUTUBRO

Licenciamento para a reserva.
2.^o exame de analphabetos.

Designação do pessoal para o serviço de 16 meses (R. S. M., art. 42, paragrapho 1.^o, e letra e do art. 9.^o).

Continuação dos trabalhos de limpeza e reparações; desinfecções.

Até o dia 10 — O cmt. do R. publica o programma geral e calendario para o novo anno de instrução.

Até o dia 12 — Ordens sobre o estagio de aspirante a oficial de reserva.

Até o dia 26 — Os cmt. de G. publicam suas ordens complementares para o novo anno de instrução (programma e calendario).

Jorge Gustavo Tinoco da Silva
Tte. Cel. Comt. interino.

Confere: Maj. Klinger.
Pelo fiscal.

Notas sobre a instrução dos quadros no serviço de campanha

Da Escola de Cavallaria de França

XVIII — PELOTÃO DE C. D. ANTES E DURANTE O COMBATE

E' necessário para esta operação, mais ainda que as outras, que o thema indique uma situação de combate nitidamente definida. Por exemplo: A Brigada V. G. de um corpo de exercito se desenvolve para atacar o inimigo em posição; a cada uma das columnas assim formadas e tendo um raio de frente determinado, da-se uma fracção do esquadrão divisionario.

Ao serviço de segurança em marcha, sucede para a cavallaria o reconhecimento da posição, devendo o ultimo lance ser longo de maneira a ganhar o tempo necessário para informar a infantaria em *tempo util*.

Os reconhecimentos da segurança de primeira linha darão uma informação geral sobre a posição do adversario, é necessário bem precisal-a, para o que o chefe do pelotão, alcançando um ponto de onde veja a posição inimiga, lan-

çará simultaneamente sobre toda a frente indicada, uma rede de patrulhas multiplas, de pequeno efectivo, orientadas conforme o terreno, no sentido da frente ou da profundidade, dando-se-lhes não uma frente a reconhecer, porém um ponto de direcção bem nitido (evitar os passeios sobre a frente) e um ponto bem visivel para a reunião, uma vez terminadas as suas missões.

Estas informações muitas vezes mesmo, caso a posição seja favorável ao modo de progredir das patrulhas, determinam o contorno apparente do inimigo, e si elle está em uma ala, o ponto extremo de sua linha. E' tudo o que se pôde exigir do pelotão. O chefe do pelotão *tem o dever de completar essas informações*:

1.^o — *sob o ponto de vista do inimigo*, lançando uma vez orientado, uma ponta rápida sobre o ponto onde acredita encontrar a informação importante;

2.^o — *sob o ponto de vista do terreno*, orientando o comandante da infantaria, desde que chegue a vista da posição, informando-o sobre a praticabilidade do terreno e os caminhos desenfiados.

Uma vez a infantaria engajada, não ha mais V. G., *durante o combate*; o papel da cavallaria divisionaria aumenta ainda de importância, a medida que seus elementos tornam-se livres, reunem-se no ponto indicado de ante-mão, o qual, si não tiver sido designado pelo commandante da infantaria, que pôde, a todo o lado em que houver alguma cousa a fazer (em uma ala, do lado opposto ao que se acha o grosso da cavallaria, etc).

A segurança sobre o flanco livre e a retaguarda é feita por patrulhas lançadas a distancias variaveis de 3 a 5 kilometros, sobre as estradas de acesso nessa direcções.

O chefe do pelotão permanece com a sua tropa, a disposição do commandante da infantaria, será escolhido de instante, ter necessidade dos seus cavalleiros e deve sempre saber onde elle está.

XIX — PELOTÃO APOIO DE ARTILHARIA (C. D.)

O pelotão é muito fraco apoio para uma bateria, não recebe, portanto, semelhante missão, sinão em circumstancias especiaes: — segurança relativa que offerece a situação; — proximidade da infantaria em tempo e espaço que permittam contar rapidamente com o seu apoio.

A missão do pelotão é proteger a artilharia durante a sua *collocação em bateria, durante o tiro, durante as mudanças de posições e assegurar a sua ligação com as tropas vizinhas*.

Desde que o commandante da bateria indique, ao commandante do pelotão, a posição de tiro que vae ocupar, este o precede de um tempo de galope, com uma ou duas esquadras em forrageadores, com o objectivo:

1.º — de proteger o reconhecimento do capitão.

2.º — de impedir que alguma surpresa ameace a artilharia durante a sua *collocação em bateria*.

O resto do pelotão marcha com a bateria, cobrindo por patrulhas o flanco ameaçado.

Durante o tiro estas disposições são tomadas pelo chefe do pelotão com os cavalleiros disponiveis, desde que o commandante da bateria lhe indique seu estabelecimento exacto; a artilharia é pro-

tegida por vedetas em todas as direcções d'onde as cobertas e movimentos do terreno possam fazer receiar uma surpreza.

Estas vedetas devem ser ligadas com a bateria pela vista ou por cavalleiros de ligação. Em terreno coberto ou accidentado patrulhas de combate vigiam, além disso, os ângulos mortos e esquadrinhamb as cobertas.

O pequeno grupo de cavalleiros que restar disponivel para a protecção da bateria, não pôde agir senão pelo fogo, qualquer que seja o terreno e o ataque; será a pé e abrigado, se existir um ponto de apoio, sem esquecer as atrelagens, que antes de tudo é necessário proteger.

Nas mudanças de posição, opera-se da mesma maneira, porém, lança-se imediatamente sobre a nova posição, os cavalleiros disponiveis; aquelles que fizaram o serviço de segurança se reunirão a bateria; esperal-los seria perder tempo.

A *ligação* deve ser feita com a infantaria vizinha, por um graduado que acompanhará o seu progresso e em caso de ataque irá lhe pedir o apoio que ella deve a artilharia, sem esperar ordens.

Em uma palavra, o pelotão apoia a artilharia pela *observação*, para o que sacrificará o efectivo necessário; não existe como *resistencia*.

XX — O CHEFE DO PELOTÃO, CHEFE DE ACAMPAMENTO

É util que um exercicio de acantonamento seja feito segundo um thema definindo uma situação tactica; em campanha, considerações de segurança, em consequencia da marcha do dia, e previdencia para o dia seguinte, intervirão sempre na repartição do acantonamento.

O chefe do acampamento marcha com a V. G., a tropa segue de perto; a operação deve ser feita rapidamente, sem considerações do estabelecimento das unidades: as regras da repartição são dadas em detalhe pela instrucção pratica, é preciso, além disso, repartir tão equitativamente, quanto possível, as saídas das localidades entre unidades constituidas, quando não houver razão para proceder ao contrario; uma saída pertence ao esquadrão que tem o encargo de barrical-a e defendel-a, bem como o do estabelecimento do posto exterior so-

bre a estrada que n'ella termina e as ligações entre estes dois elementos de segurança approximada.

Póde-se estudar, uma vez feita a repartição geral:

— O acantonamento especial das fracções encarregadas das barricadas; — A escolha da praça d'armas, fixada pelo general commandante da Brigada ou da Divisão; — as órdens dadas para o dia seguinte; — a installação em um acantonamento, onde se chega á noite sem que nenhuma preparação tenha podido ser feita.

XXI — EXERCÍCIOS DE EMPREGO DO FOGO

Estudaremos successivamente nestes exercícios, a accão do pelotão, engajando um combate a pé, offensivo ou defensivo. No offensivo, distinguiremos aquelle em que a tropa se esforça por se installar sobre a posição ocupada por um adversario, desalojando-o; e o combate a grande distancia tendo em vista fatigar uma columna inimiga.

Cada uma destas operações comprehende varias phases: — conducta da tropa no fogo; — conducta do fogo; — e ruptura do combate.

Estes exercícios, feitos no começo separadamente, serão executados em seguida, mais utilmente, no curso de uma instrucção de quadros; o combate a pé sendo estudado no final de uma situação, na qual o director faz intervir o official que opera.

A — COMBATE OFFENSIVO

1.º — Tomada de um ponto ocupado pelo adversario.

Ponto ocupado pela cavallaria ou por uma pequena força de infantaria e que não pôde ser contornado, por exemplo: destacamento de descoberta abrindo passagem para os seus reconhecimentos; pelotão testa de V. G. atacando um ponto sobre o eixo de marcha, etc.

Na conducta da tropa no fogo, o elemento de sucesso é obter a *surpreza*, o que é conseguido pela *velocidade* e pelo *desenfiamento*; o chefe do pelotão, deslocando-se em andadura viva faz seu reconhecimento, determina seu plano de ataque, o numero e logares dos atira-

dores, dos cavallos e chama sua tropa que apeia, — o mais perto possível da posição a atacar, e em quanto ella chega, fixa os elementos de tiro, objectivo, distancia, numero de cartuchos etc.

Grâças a esta maneira de proceder, o fogo é aberto instantanea e violentamente.

Obter na *conducta do fogo* a supremacia de fogo, resultado da surpreza e da violencia e não do numero de cartuchos atirados.

Ha interesse em ter os cavallos de mão bem moveis (um homem a pé para dois cavallos), de maneira a aproveitar o primeiro signal de fraqueza do inimigo para fazer montar uma parte do seu effectivo, que carregará sobre a posição, ocupando-a.

A segurança é obtida por uma vedeta em cada direcção perigosa.

2.º — *Para fatigar uma columna de infantaria.*

Conducta no fogo: — a carta indicará um ponto onde se possa fazer alguma cousa, para ahi se transportar com a tropa — alto guardado e desenfiado — reconhecimento (escolha do ponto exacto e proceder como acima); a rapidez é inimiga da perfeição, portanto, não se preoccupar com a mobilidade dos cavallos e utilizar o maior numero de atiradores que fôr possivel.

Conducta do fogo: — aberto o fogo, com rajadas curtas e violentas, concentradas sobre um ponto; ha grandes distâncias e com um só pelotão é prudente assim proceder para produzir qualquer effeito.

O fogo nessas especies de ataques, é sobretudo de effeito moral e poderá ser aberto a partir de 1.600 metros; aberto a menos de 800 será perigoso, salvo quando um obstaculo separa o pelotão da columna atacada.

Ruptura do combate: — desde que o effeito seja obtido (afastamento da estrada das fracções encarregadas de repelir o importuno, si o ataque é produzido na testa); — á cavallo e retirar-se vivamente desengajando-se e se afastar francamente da columna, de sua rede de segurança, tornada mais activa e densa.

É preciso então recomeçar em outra parte o ataque, porém este segundo ataque não será possivel, si não houver novamente surpreza, para o que é preciso

a columna ter perdido o contacto com o pelotão; uma segunda acção levada a effeito, mais ou menos, sobre o mesmo terreno, exporia este aos peores desastres.

Medidas de segurança: — as mesmas já expostas.

B — COMBATE DEFENSIVO

Por exemplo: ocupação de uma posição até a chegada da infantaria; — a installação defensiva de um destacamento de cobertura da segurança afastada, no fim de sua marcha; — de um destacamento apoio de reconhecimento, etc.

Conducta da tropa no jogo: — as considerações acima expostas conservam seu valor, relativamente á velocidade e ao desenfiamento, valor este de uma importancia menor do que no ataque.

Em seu reconhecimento, o chefe do pelotão estudará a questão das defezas, abrigos para os atiradores e os cavallos; e para estes ultimos o lugar escolhido deve offerecer escoamento facil e uma linha de retirada desenfiada.

As distancias serão balisadas, quando se puder.

Conducta do jogo: — o maior nu-

mero de atiradores possivel deverá aparecer. A questão interessante, neste caso, é o momento da abertura do jogo; aberto muito cedo, tem o inconveniente de denunciar ao inimigo, as disposições tomadas; muito tarde o de expôr o pelotão a ser assaltado por um ataque brusco.

Em principio, é preciso na defensiva, sobretudo, com as distancias marcadas, abrir o jogo em boa hora, de maneira a fazer o maior mal ao adversario, o mais cedo possivel; entretanto, quando a defeza se faz atras de um obstaculo intransponivel, ha vantagem em esperar o ultimo momento, sem nada arriscar, para produzir um effeito mais completo.

O serviço de segurança descobrirá os movimentos contornantes.

Ruptura do combate: — Quando a manobra do inimigo, a falta de munição, ou insufficiencia do effeito produzido, determinam o chefe do pelotão a romper o combate, este deve sempre fazel-o por escalão, deixando uma esquadra engajada, — faz montar o resto de sua tropa, tanto quanto possivel sem ser visto; indo os cavalleiros da ultima esquadra um á um pegar os seus cavallos, os ultimos que permanecerem na trincheira continuarão o fogo até o fim.

Nota sobre a regulação com observação unilateral⁽¹⁾

No numero de Julho findo da *Revue d'Artillerie* publica o Major da artilharia colonial francesa E. Benoit o estudo que, pelo seu interesse, abaixo traduzimos, como uma contribuição ao futuro vol. II. do nosso R. T. A.

Cap. F. J. Pinto

O tiro com a observação unilateral é considerado geralmente como um tiro difficult e que acarreta uma perda de tempo consideravel. Muitos commandantes de bateria, durante a guerra, empregavam todos os meios para evitá-lo, procurando observatorios vizinhos ao eixo médio dos tiros para só utilizarem os methodos de regulação com observação axial, ou, então, recorrendo a observação bilateral. No primeiro caso, eram ás vezes levados a renunciar certos observato-

rios excellentes, por se acharem demasiado lateraes; no segundo, eram obrigados a duplicar o pessoal de observação e as linhas telephonicas, surgindo dabi complicaçao da organização, augmento de probabalidade de erro a respeito do objectivo por má interpretação do segundo observatorio.

Ha todo interesse em que possa o capitão ser o proprio observador e escolher o melhor observatorio da zona a vigiar, seja qual for a posição desse observatorio relativamente ao eixo do tiro. Uma unica consideração pôde abri intervir, sobretudo em guerra de movimento, a de não se afastar muito da bateria, afim de se não alongarem demasiado as linhas telephonicas.

(1) Art. 170 das *Notas do Curso da Artilharia* — N. p. To

Os tiros com observação unilateral serão, então, tão frequentes como os de observação axial, sendo necessário que sejam os métodos de regulação desses tiros os mais *rápidos* e os mais *simples* possíveis.

As Instruções sobre o tiro de 1917 e de 1922 trazem um método de regulação excelente, que apresenta, porém, os inconvenientes de ser exposto de modo um pouco complicado, o que pode desanimar os principiantes, de obrigar a longas construções preliminares e à execução muito lenta do tiro.

A presente nota destina-se a propôr simplificações na *preparação* e na *prática* do método regulamentar. Nesta nota se tratará apenas do caso de observação francamente lateral, onde o ângulo das direções peça-objectivo e observatório-objectivo é superior a 200 milésimos (1).

I PRINCIPIO DO METHODO

Recordemos o princípio do método. Seja B o objectivo, O o observatório lateral, P a peça (fig. a). Dá-se o primeiro tiro que vai cahir em C₁, tanto mais próximo do objectivo B quanto melhor tiver sido a preparação. Na realidade, como veremos na condução do tiro, C₁ não é o ponto de queda de um único tiro, mas o *ponto médio* de uma salva.

Consiste o princípio do método em levar os pontos de queda à linha de observação OB e aí mantê-los, por correcções de alcance (modificação de alça ou de ângulo de elevação), de modo a poder julgar do sentido curto ou longo em relação ao objectivo visto do observatório e deduzir dali as modificações necessárias à direcção.

Para levar a C₂, na linha de observação OB, os tiros que cahem em C₁, é preciso aumentar ao alcance a quantidade C₁ C₂. Este valor é facilmente apreciado quando se tiver medido do observatório o desvio angular C₁ O B ou m. Tem-se, com efeito, se a direcção inicial do tiro não for muito erronea, sensivelmente (2):

$$C_1 C_2 = B C_1$$

Para avaliar B C₁, procuremos o comprimento interceptado em B P pelo ângulo de 1 milésimo, a partir de O B. O arco de 1 milésimo à distância O B = Do, tem para comprimento $\frac{D}{1000}$ (ou, em metros, o valor de Dº expresso em quilómetros).

Construamos um gráfico em grande escala (aplicado, na prática, no próprio plano director ou na carta utilizada, mas que construiremos à parte, na figura a, para clareza do desenho), tomando um comprimento Bb = $\frac{D}{1000}$ perpendicular a BO.

b é o extremo do arco de 1 milésimo da escala adoptada.

Ter-se-ia de ligar esse ponto b ao ponto completamente fora da figura; isso, porém, não se torna preciso, porque se sabe que bO faz o ângulo de 1 milésimo com B O, isto é, praticamente lhe é paralelo. Traçar-se-á, então, b b₁ paralela a B O e se terá em B b₁ o comprimento, com a aproximação de 1/100, do segmento interceptado em B P pelo arco de 1 milésimo visto de O. Mede-se Bb₁ = h₁, valor que é o coeeficiente G da demonstração regulamentar (3), mas obtido muito mais simplesmente do que fazendo intervir comprimentos de garfo como nessa demonstração.

Tem-se, então, mui sensivelmente

$$C_1 C_2 = B C_1 = h_1 m$$

sendo o ângulo expresso em milésimos.

Após essa modificação da alça, os tiros virão cahir na vizinhança de C₁ e se poderá do observatório julgar do sentido, curto ou longo. No caso figurado foram observados longos, o que indica que a linha de tiro P C₁ C₂ passa à direita do objectivo B. Poder-se-á, então, fazer uma correcção para levar essa linha de tiro para a esquerda, comandando «deriva mais tantos milésimos» (4). A amplitude desse lance em direcção nada tem que ver com o garfo das tabellas, sendo unicamente função do maior ou menor cuidado no primitivo estabelecimento da direcção das peças. Se a preparação foi completa e se, conhecendo

(2) B C₁, num tiro sensivelmente preparado, orgará por uma centena de metros, ao mesmo tempo que a distância OB é geralmente de vários quilómetros. Os segmentos C₁ C₂ B C₁, quasi paralelos, estão, pois, sensivelmente, a igual distância de O, muito mais próximo um do outro do que parecem na figura, a em que se exageraram os desvios para a clareza do desenho—N. do A.

(3) Arts. 170 e 173 das Notas citadas.—N. do T.

(4) 2º phase do tiro—tiro de ensaio.—N. do T.

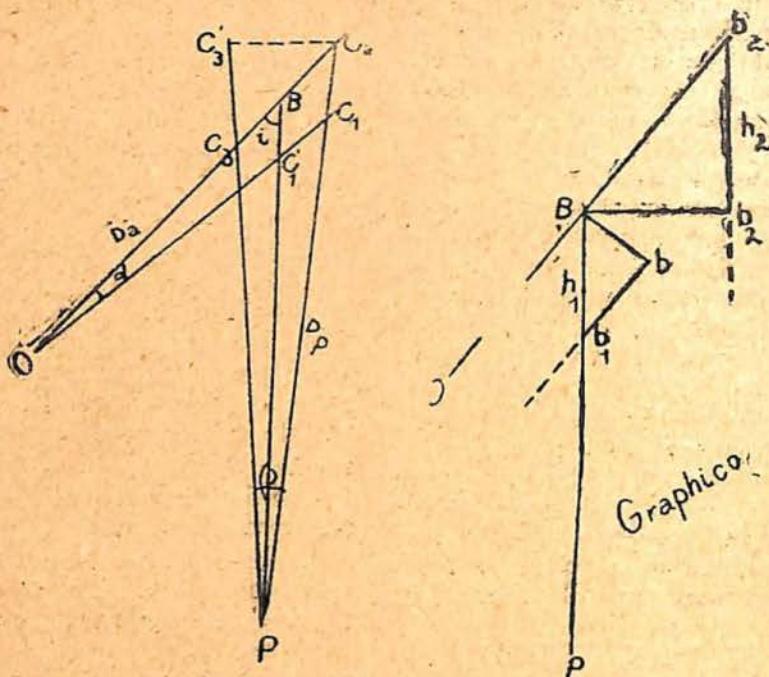


Fig. a.

das as condições atmosféricas, forem estas corrigidas, pôde-se admittir que o erro na direcção não exceda a 5 millesimos, far-se-á nesse caso, então, um lance desse valor na direcção. Se a preparação do tiro foi, ao contrario, muito precaria, é admissivel um primeiro lance de 20 millesimos. No caso médio, o lance poderá ser de 10 millesimos.

Designemos por n a amplitude desse lance em direcção. Não se modificando a alça, os tiros virão cahir em C_1 , á mesma distancia de P que C_2 . Para mantelos na linha de observação, é preciso fazer, ao mesmo tempo que a modificação em direcção, um lance $C_3 C'_3$ no alcance. O valor deste lance se deduz facilmente do valor da correcção em direcção.

Calculemos, como precedentemente, a modificação de alcance correspondente á correcção de 1 millesimo na direcção. O arco de 1 millesimo á distancia de P B ou D tem para comprimento $\frac{D_p}{1000}$, ou, em metros, o comprimento D_p expresso em kilometros. Tomemos esse valor em B , b_2 , perpendicular a BP , no graphicco em grande escala. O raio $P b_2$ faz com BP o angulo de um millesimo, isto é, lhe é paralelo praticamente. Traça-se,

então, $b_2 b'_2$ paralela a $B P$. O accrescimo de alcance correspondente ao deslocamento de 1 millesimo na vizinhança de B é, com a approximação de um infinitamente pequeno de decima ordem, igual a $b_2 b'_2$, que se medirá no graphicco. Seja h_2 esse valor, que não é mais que o coefficiente X da demonstração regulamentar (5); obtido, porém, mais exactamente de modo mais simples.

O lance de alça correspondente ao deslocamento n de deriva, para manter os tiros na linha de observação, será então $h_2 n$.

Observações

I — Essa construcção, muito simples, não exige os cuidados do graphicco regulamentar e dá, entretanto, resultados muito exactos desde que seja feita em escala suficientemente grande, de $1/100$, por exemplo. Dá apenas, como o cálculo ou a construcção regulamentar, o valor médio dos coefficientes correctivos, que

(*) Para facilitar a impressão, tivemos de substituir os caracteres gregos usuaes neste metodo pelas letras a e b , x e y , com aquiescencia do traductor. N. da R.

deverão ser aumentados ou diminuídos, segundo os desvios a corrigir são de um ou outro lado de O B e de B P. Esse valor médio, porém, é sempre praticamente sufficiente. Não é necessário ter as posições respectivas de O, B e P muito exactamente no plano director, se houver engano em 200 ou 300 metros num dos comprimentos O B ou B P, de varios kilometros, ter-se-ão ainda as correções de alça h_1 e h_2 com approximação menor que $1/10$, o que é amplamente sufficiente em questão de tiro. Avaliar-se-ia, por exemplo, em 90 ou 110 m. uma correção real de 100 m., o que seria bastante para levar o ponto médio dos tiros para a proximidade da linha de observação, sufficientemente perto para que se possa sempre observar o sentido de alguns tiros. Além disso, como se verá a propósito da execução do tiro, a regulação em alcance vai constantemente se aperfeiçoando.

Pôde se applicar o methodo tanto á guerra de movimento como a frentes es-

tabilisadas, desde que se tenha uma noção approximada das posições respectivas dos tres pontos O, B e P.

II — Quando o instrumento de observação ou os instrumentos de pontaria das peças não forem graduados em millesimos, mas em decigrados, é preciso multiplicar os coefficients h_1 ou h_2 , obtidos como precedentemente, por 1,6 (6).

Da mesma maneira, quando as correções de alça são dadas em *angulo de elevação*, é preciso transformar os valores em metros de h_1 e h_2 em valores correspondentes a angulo de elevação, para a distância e o material utilizado. As tabellas de tiro dão immediatamente a variação do angulo de elevação para uma variação de alcance de 100 m.; d'onde, por multiplicação, se encontrará a correspondente a h_1 e h_2 . Arredondam-se os valores assim encontrados.

(Conclusão no proximo numero)

(6) Quadrante = 1600 : 100 = 1600 dG, 1dG = 1,6 : 100' N. do T.

A inspecção das carnes de consumo em suas relações com a tropa

Qualquer paiz de intuítos pacíficos, na preocupação unica de prever, com prudencia, futuro prospero e brilhante, não vacilla em cuidar da constituição, efficiencia e preparo do seu exercito, afim de que este, em qualquer tranze, se ache sempre prompto para lutar pela manutenção integral da honra nacional.

Mas o exercito, orgão valioso de defesa, só será forte se governos previdentes lhe derem boa organisação, dispensando cuidados de que elle ha mister, atendendo-lhe ás necessidades mais imperiosas, afim de que cada uma de suas partes apresente o grão de efficiencia que as tornem em condições de collaborarem para o mesmo fim collimado, isto é, para o progresso, a grandeza, o prestígio desta cara Patria, estribada na sua constituição e no patriotismo de seus homens.

Se a officialidade é a cabeça, o cérebro pensante do exercito, nada mais claro está, que a cada official assistem o direito e a obrigação moral de algo

fazer, pelo menos no concernente ao encargo da arma ou serviço a que pertence, e que vise o interesse do mesmo exercito.

A alinea (d) do Art. 22 do Regulamento do Serviço de Veterinaria em tempo de paz encarrega os veterinarios da inspecção diaria das carnes destinadas á alimentação dos officiaes e praças, nos corpos e estabelecimentos militares onde servem.

Considerando que a acção do exercito está nas campanhas que opera, em enfrentar, com vantagem, as peripécias diversas, em caso de operações quaisquer que sejam, o artigo acima não deixa de contribuir para o relativo conforto desse exercito.

A' primeira vista parece ser esta medida um tanto desnecessaria, nos corpos aquartelados em cidades que dispõem de bom matadouro e de modelar serviço de inspecção de carnes. Mas torna-se preciso salientar a má fé com que agem certos marchantes, tentando illudir a boa

fé dos commandantes e fiscaes dos corpos, impingindo-lhes animaes que seriam rejeitados para o consumo em matadouro bem inspeccionado. Em um dos corpos desta capital deu-se o facto do marchante ter vendido para a alimentação do pessoal um porco cuja carne estava disseminada de pequenas vesiculas localisadas, em proporção consideravel, nos musculos da lingua, da região sub-lombar, etc.. Estas vesiculas que constituem os cysticercos do porco (*cysticercus cellulose*), não são senão estados de formação da *tenia solium*.

Os porcos contrahem **esta** affecção, que vulgarmente se chama *ladraria* e a que o vulgo dá o nome de *pipóca*, ingerindo os ovos do verme solitaria, que, uma vez no intestino do animal, dão origem a embryões. Estes, atravessando os tecidos, formam ahi as vesiculas. A carne que contem essas vesiculas, servindo de alimento ao homem, vai por intermedio daquellas, no intestino deste, favorecer o apparecimento dos vermes solitarias. E assim continuará no cyclo vicioso, das fezes do homem para o intestino dos porcos, os ovos, e da carne deste para o intestino do homem, novamente, as vesiculas com o mesmo verme em estado de formação.

Qual não seria, portanto, o prejuizo para officiaes e praças se o R. S. V. não obrigasse o veterinario a examinar a carne?

E o que se deu com o porco, dar-se-á com outros animaes e outras enfermidades.

Eis, pois, razão de sobra para que se examinem ainda vivos, em campanha ou quando se fizer necessário, não só os animaes destinados á matança como tambem as suas carnes depois de mortos.

Não se pôde contestar a vantagem que traz para o exercito a inspecção das carnes em relação a suas qualidades estipuladas no contracto. O veterinario que se prezar e que estiver compenetrado dos seus deveres profissionaes deverá saber discernir as suas diferentes categorias. Ha carnes que poderiam ser consumidas sem o menor inconveniente pela população civil sem que, entretanto, pudesssem ser acceptas para a alimentação do exercito em campanha. E a razão é obvia: ha carnes de categoria inferior que servem perfeitamente para lisongear o pala-

dar, a que faltam as qualidades nutritivas necessarias para a alimentação de uma tropa mobilisada.

A hygiene da alimentação, como um dos factores de resistencia ás enfermidades, prepara o organismo para reagir contra surtos epidemicos e faz jus a merecer dos chefes militares todo interesse. O Serviço de Veterinaria, entretanto, não precisa mais do que o apoio moral para que bem possa cumprir a missão que lhe é confiada e dentro da qual está enquadrada a observancia desta medida hygienica, producto da intelligencia com que já se começa a olhar as questões sanitarias no meio militar.

2.º Te. *Costa Homem.*

O FACTOR MORAL NA CAMPANHA DE 1825

Os successos desfavoraveis da primeira guerra que emprehendemos, ao nos separarmos de Portugal, encerram uma lição valiosa. A chamada Campanha Cisplatina (*1), que teve verdadeiramente por theatro a ex-provincia do Rio Grande do Sul (*2), iniciou-se tres annos depois do grito do Ypiranga e ainda quando o movimento separatista estava em marcha. O reconhecimento da nova ordem de cousas, da parte da antiga metropole, verificou-se no mesmo anno de 1825 e por interferencia extrânea (*3).

(*) — A declaração de guerra ás Provincias Unidas do Rio da Prata foi feita por decreto de 10 de Dezembro de 1825. Um manifesto imperial, com a mesma data, explica longamente a conducta do nosso governo. Historia a criação da nova província brasileira, a denominada província Cisplatina, actual Republica Oriental do Uruguay. Comenta o auxilio prestado pelos seus habitantes á causa do Brasil, quando se tratou da expulsão das tropas lusitanas, a vinda de um emissario de Buenos Ayres, ao Rio, com o fim de tratar da reincorporação da Banda Oriental ás Provincias Unidas, etc.

A Provincia Cisplatina fôra incorporada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em 31 de Julho de 1821, o que constituirá um primeiro golpe, e fundo, no Vice Reinado de Buenos Ayres, que o governo da nascente nação argentina procurava reconstituir, um territorio immenso, hoje repartido entre a Bolivia, o Paraguay, a Republica Oriental e a Argentina.

E que se o governo de Lisboa não dispunha no momento dos necessários meios para intervir com a espada em punho, respondendo tudo no antigo pé, não tinha, por outro lado, pressa em sancionar a obra revolucionária, cuja evolução se caracterisava nessa época por um conjunto de ideias em conflito. E assim, reanimavam-se os seus partidários deste lado do Atlântico.

O facto de ser o futuro imperador o herdeiro da coroa portuguesa permitia confiar ao tempo a solução do problema. Mais hoje, mais amanhã, reunir-se-iam Portugal e Brasil sob o mesmo sceptro. D'ahi, os cuidados dos patriotas brasileiros, a que mais tarde e oportunamente o imperador tentou pôr termo, recusando a coroa que lhe tocou por morte de seu pai.

Mas, o rastilho estava ardendo. Existiam no Brasil dois partidos e um delles era, quando nada, suspeito de pleitear a

(*) — Sob o governo de D. João V de Portugal, S. Paulo foi elevado à categoria de Capitania Geral, em 1750, tendo por limite Sul o próprio Rio da Prata (*Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul*).

Os hespanhóis impugnaram sempre, de acordo com o tratado de Tordesillas (7 de Junho de 1494), os supostos direitos de colonização da coroa portuguesa, que não reconheciam mesmo qualquer direito sobre a Ilha de S. Catharina, indubitavelmente dentro dos limites alli fixados.

Acorçoada, deste modo, a nossa arremetida para o Sul, foram os paulistas os principais artífices desse grandioso empreendimento.

Consolidada a posse de S. Catharina, a incursão continuou na direcção indecisa do grande rio, encabeçada sempre pela derradeira posição alcançada.

O anno de 1737, em que o brigadeiro José da Silva Paes começou a povoação do Rio Grande, já marca um lance muito largo, feito pelo principal dos elementos de penetração, cujas antenas haviam alcançado em 1690, com a fundação da malograda Colonia do Sacramento, um limite externo na margem oriental do Rio da Prata, passando pelo sitio em que mais tarde havia de surgir Montevidéu.

Sujeitas, como é natural, estes conquistas ao affluxo e refluxo, recua a testa de seu grosso para o Norte, e vai se localizar em Viamão e Porto Alegre, desde que os hespanhóis se apoderaram da villa do Rio Grande, no dia 24 de Abril de 1763. Uns tres annos mais tarde, já os nossos estabelecidos, na base de partida, que é no caso S. José do Norte, estão em contacto estreito com o adversário secular, alojado na villa fronteira.

Em 1776 Rio Grande é expurgado e tudo volta à situação anterior.

Neste regime de incertezas, o territorio ocupado do Rio Grande do Sul — do Continente como lhe chamavam os paulistas e catarinenses — constitui um commando militar.

Em 1738, pela provisão de 11 de Agosto, S. Catharina e Rio Grande passaram a constituir uma dependência directa do governo do Rio de Janeiro.

reincorporação do paiz á sua antiga metrópole.

Em todo caso, o que é certo é que o separatismo não foi uma idéa que empolgasse o Brasil em peso, num sentir unânime do momento histórico atravessado. Quem fez a independência foi uma apreciável maioria de homens energicos.

As verdadeiras revoluções, as que triumpham por isso mesmo que não violentam a historia, são marcos que balisam a existencia dos povos. São as soluções de continuidade, que na vida das nações dão origem aos largos ramos novos, mesmo quando ha conflito entre as idéas em marcha e os interesses pessoais em permanencia.

Sabe-se que entre os altos funcionários publicos, comerciantes, obreiros e que entre os próprios militares, a velha ordem de cousas não dava nenhuma ascendência aos elementos puramente nacionaes.

De certo modo, dava-se o inverso. Consequentemente, o elemento lusitano, juntando a numeroso elemento nato, com interesses especiaes no caso, defendia o seu

Assim permaneceu, até que a carta regia de 9 de Setembro de 1760 veio separar S. Catharina do Rio Grande de S. Pedro e recebendo governo á parte. Tal governo é transformado em Capitania pela carta patente de 19 de Setembro 1807 e, consequentemente, desannexado do Rio de Janeiro. Permaneceu nessa situação até 1821, quando foi transformado em província do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

A constituição de 1824 não alterou essa divisão política e a de 1891 só alterou a denominação, porque as antigas províncias passaram a constituir os novos estados.

Nota (3) — Portugal não só não tinha pressa de entrar em acordo com o governo estabelecido no Brasil, como fazia todos os preparativos para recomeçar a guerra, provavelmente apoiando-se no partido lusófilo de aquem do Atlântico. Tratava-se, de facto, de uma campanha de exito duvidoso.

Após o congresso de Vienna, de 1815, em que o historiador de hoje vê uma liga dos reis contra os povos, os governos de Portugal e Hespanha puderam contar com as sympathias de algumas cortes europeias, no caso de luta com as suas ex-colônias americanas. Foi assim que, depois de proclamada a independência, o governo português foi instigado pela Prussia, Russia, Hespanha e França, a recolonizar a sua ex-possessão. Apenas o gabinete inglês, na sua tradicional política, deu conselhos em contrario e fez mesmo pressão sobre o governo de Lisboa.

Os Estados Unidos reconheceram francamente o novo Estado e a Inglaterra preparou-se para fazer o mesmo, enviando um representante ao Rio.

Ao passar por Lisboa, o representante inglez, Sir Charles Stuart, conseguiu plenos poderes para regular os negócios lusos brasileiros, obtendo posteriormente, pelo tratado de 29 de Agosto de 1825, que Portugal reconhecesse a independência do Brasil.

logar ao sol e constituia um partido respeitável, mais ou menos inclinado á restauração do abalado domínio português.

Dadas essas correntes, não havia um sentimento uniforme, que é necessário nas crises sociais, para congregar os povos em torno do mesmo ideal e facilitar a tarefa do pro-homens reconstructores. Havia um desequilíbrio, que um olhar para esse passado nos permite ver que subsistiu por muitos anos, animando o espírito combativo das massas e perturbando a paz interna.

Começa aí, e justificadamente, a intrusão dos militares na política partidária.

O conglomerado que constituía o exército estava dividido. As tropas lusitanas da Bahia, do Rio de Janeiro, de Montevidéu, etc., repudiaram francamente a separação, arrastando alguns elementos natos, que com elas tentaram se opor, de armas na mão, ao movimento libertador iniciado. (4)

(4) — Ao soar o grito do Ypiranga, o Exército comprehendia as instituições militares do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em que se accommodavam as tropas propriamente brasileiras, onde aliás serviam indistintamente brasileiros e lusitanos, e as tropas portuguesas destacadas deste lado do mar.

Supprime-se aqui, por muito extensa, a organização detalhada do exército de então.

Dadas essas origens, justificam-se os desídios entre elas. As que eram portuguesas não desejavam, em regra, perder a sua nacionalidade, de cujos interesses faziam a sua atitude; as brasileiras, engrossadas pelas formações locais dos milicianos, em que os elementos natos predominavam, constituíam uma maioria separatista.

Não deixa de causar reparos a capacidade de adaptação de alguns chefes portugueses natos, adherindo com entusiasmo á nossa independência e batendo-se por ella.

Em ultima analyse, a nossa independência resultou em grande parte das divergências de vidas entre os ramos lusitanos d'aquem mar. Cada grupo, com as suas tropas *leaders*, fallando pela boca de suas armas de pederneiras, empentou as suas últimas razões.

Assim, a tropa lusitana da chamada Divisão Auxiliadora amotina-se no Rio de Janeiro, com o fim legal de opor-se á revolução em plena marcha, mas é obrigada a capitular e regressa para Portugal pouco depois.

A guarnição da Bahia recusa-se também a aderir á revolução e bate-se valentemente contra os elementos separatistas. Vencida, retira-se para Portugal, acompanhada de grande número de famílias, gente que não se conformava com o novo estado de coisas.

Em Montevidéu, a Divisão de Voluntários Reaes, força portuguesa de ocupação, adopta a mesma atitude, mas no fim de 17 meses de sitio que lhe fez o general Lecôr — brasileiro adoptivo — capitula e toma o mesmo destino dos anteriores. Ainda foram registradas outras reacções de menor importância, noutras pontos.

Ora, essas explosões não eram mais que reflexos da discordia reinante. Suffocadas as veleidades reaccionárias desses nucleos militares dessidentes, nem por isso a questão chegou a seu termo.

A quadra agitada prolongou-se, determinando a abdicação e retirada do primeiro imperador em 1831, produzindo não poucos movimentos revolucionários, dentre os quais não convém esquecer a revolução separatista de 1835, que teve por scenario o Rio Grande do Sul (5).

Concomitemente, os pequenos motins, as mais bizarras manifestações collectivas, a orgia eleitoral dos militares, haviam atingido a um grão tal que hoje não é fácil de imaginar.

O tenente Osorio, mais tarde o ídolo do exército pela sua bravura inexcusável e pelo seu coração bem formado, pertencia ao partido liberal; o marechal Sebastião Pinto Barreto, que tão bello papel repre, sentou na batalha do Passo do Rosario-pertencia ao grupo opposto.

O coronel Bento Gonçalves da Silva pertencia ao partido liberal, de que mais tarde, em 1835, era chefe e que o levou a proclamar a república de Piratinin.

Muitos outros, ou melhor, quasi todos os chefes militares, como Bento Manoel, o Major José Mariano de Mattos, o futuro Conde de Porto Alegre, o marechal João Propício Menna Barreto, etc., foram partidários exaltados e puseram suas espadas ao serviço de suas idéias políticas.

Emquadradada essa época de lutas intestinas entre o grito do Ypiranga e o anno de 1845, pelo menos para o extremo sul do paiz, comprehende-se o estado de espírito da tropa que se achava em 1825-1828 naquelle theatro de operações.

A política, que já naquelles tempos não tinha entradas, armava o verbo sophistico dos derrotistas rubros e creava as maiores dificuldades aos homens que dirigiam a guerra, desde que pertencessem ao grupo partidário opposto.

Aliás, nascera pouco antes a nossa primeira questão militar, que é um dos epi-

(5) — O coronel Bento Gonçalves da Silva, que foi o chefe da evolução rio-grandense de 1835, em seu manifesto de 25 de Setembro de 1835, allude respeitivamente a um partido anti-nacional, que chegou a «armar braços mercenários e a ocupar militarmente o Trem de Guerra da capital e ameaçou com apparatus bellicos a cidadãos pacíficos». (Visconde de S. Leopoldo — Annaes, 1839.)

sodios culminantes dos antecedentes da batalha de 20 de Fevereiro de 1827: a questão Saldanha. Pleitearam-na o Brigadeiro Saldanha, (6) que se recusava a adherir á causa do Brasil, e a Junta Governativa de Porto Alegre.

Essa desavença muito contribuiu para a indisciplina do Exercito, sendo o ponto de partida de muitas outras.

Nota (6)—O brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun, um dos mais reputados generaes portuguezes daquella época, foi praça de 28 de Setembro de 1805 e por decreto de 8 de Janeiro de 1806 era elevado ao posto de capitão, dada a sua linhagem e a influencia de seu paes, que exercia elevado cargo junto ao rei. Tinha apenas 17 annos de idade. Aos 22 annos chegara a tenente coronel. Era em 1815 coronel, quando veio para o Brasil. Em 1816, destacou para a província de Cisplatina e aos 27 annos era promovido a brigadeiro. Pertencia á infantaria (A. Varella). Por carta regia de 26 de Março de 1821 foi capitão general da província do Rio Grande (*Revista do Archivo Publico do Rio Grande do Sul*).

A 25 de Fevereiro de 1822, de acordo com o decreto de 29 de Setembro de 1821, foi organizada a Junta provisoria do governo da província, cabendo ao brigadeiro a presidencia della, logar que resignou a 29 de Agosto do mesmo anno, por não querer adherir á causa da independencia.

Pedio elle, na mesma occasião, os seus passaportes, e permissão para regressar a Portugal, passando por Montevideo.

O governo local, para evitar as consequentes alterações da ordem, nega-lhe a demissão pedida, e o reteve desse modo. O demissionario insiste, allegando motivos de honra e as solicitações da fé jurada a seu rei. Não é attendido. Protesta, insistindo quatro vezes no mesmo sentido.

Finalmente, obtém a demissão solicitada e os desejados passaportes, os quaes são caçados logo depois. E' que uma carta comprometedora, de um commandante de corpo, a elle dirigida, fôra ter ás mãos de seu successor, o marechal João de Deus Menna Barreto. O brigadeiro protesta publicamente contra o que elle mesmo classifica de intriga de seus inimigos e de violação da correspondencia particular. A carta chegou a ser entregue a uma comissão de magistrados, afim de ser estudado o seu conteudo.

Por fim, o brigadeiro obteve a desejada licença para se retirar do Rio Grande, porem para o Rio de Janeiro, fazendo a viagem por terra, acompanhado por um simples coronel, seu ex-commandado e seu desaffecto, o que muito o magou.

Esta foi a chamada «questão Saldanha», que disídio não só o exercito, como a propria opinião publica da época (*Rev. do Arch. Publ. do R. Grande do Sul*).

A camara municipal de Porto Alegre encaminhou ao governo provisorio uma longa representação, assignada por numerosos cidadãos, entre os quaes grande parte da officialidade da guarnição local, declaradamente favorável ao maltratado brigadeiro. Apezar disso, a idéa separatista marchou vitoriosa.

Ao seguir deportado, o general lusitano deixava atraç de si um numeroso protelytismo, feito não tanto dos que se punham francamente ao lado de Portugal, mas principalmente de lusophilos encobertos, gente inclinada ao anterior estado de cousas, sem o confessar claramente. E' sempre o mesmo espirito humano...

Dentro da propria tropa, as paixões eram as mais das vezes sopitadas pelo calabouço e pela galhardia das pancadas de prancha.

Isso quer dizer que o Exercito, como todas as outras instituições, estava sob o jugo das correntes partidarias em que se dividia a opinião publica.

As incertezas que acompanham a todas as revoluções eram causa de numerosas condencencias prejudiciaes á disciplina, de que muita gente se aproveitava. Os chefes militares preferiam em certos casos perder o prestigio militar, a perder o prestigio politico, expresso pelo numero de seus eletores. Alem disso, entregues á vida patriarchal, cercavam-se de satelites que lhes advinhavam a vontade e constituiam as sus chamadas «panellinhas». A cavação, como hoje se chama isso, chegou ao auge. Em 7 de Abril de 1829 escrevia a Marquez de Barbacena, generalissimo dos nossos exercitos, ao Conde de Lages, Ministro da Guerra, (*7) representando contra o facto de Antonio Adolpho da Fontoura, porta estandarte do Regimento 22, isto é, sargento, haver apparecido «de repente despachado em major graduado, conjuntamente com officiaes que se haviam distinguido na accão do Caragoatá». O Marquez continuou manhosamente admittindo a possibilidade de um «qui pro quo na copia dos officios ou listas», que tenha determinado a inclusão do nome do beneficiado entre os dos capitães, «em lugar de ser entre os dos inferiores e cadetes», o que é «contrario á disciplina».

Por outro lado, a diversidade de opiniões reinantes no corpo de officiaes, e entre as proprias praças de pret, não podia deixar de influir nos sentimentos de mutuo respeito e de solidariedade, tão necessarios nas fileiras dos exercitos que combatem. O proprio brigadeiro Sebastião Pinto Barreto nunca se livrou da tacha, mais uma vez reeditada pelo Barão do Rio

(*7) Documento existente no Archivo Nacional.

Branco, (*8) de ter collocado suas antipathias acima dos interesses do exercito, recusando ao Barão do Serro Largo, seu desaffecto, os cavallos requisitados em vespertas da batalha do Passo do Rosario e que tanta falta fizeram.

Alem das inimisades pessoaes, das rivalidades politicas, havia a indisciplina intellectual, mesclada ao amor proprio exagerado que coloca a propria autoridade acima de tudo e de todos. Em situações como aquellas é facil a certos chefes assumir semelhantes responsabilidades, num regimen de carta branca e approvações pre-vias, concedidas pela fraqueza da autoridade.

Respondendo aos quesitos formulados pelo Barão do Rio Branco, escreveu o general Osorio, a respeito do combate do Camaquam, travado a 23 de Abril de 1827: «O general Barbacena resolveu ainda retirar-se de S. Sepé para as immediações da villa de Cachoeira, margem esquerda do Jacuhy.

O general Barreto, coronéis Bento Manoel e Bento Gonçalves desaprovaram esse movimento, que entregava toda campanha da província riograndense ao inimigo, e então, contra a vontade do Marquez de Barbacena, ficaram esses chefes em campo, etc. etc.»

Ora, Barbacena era o commandante em chefe. Dito isto, nada mais é necessário acrescentar, salvo a parte que cabia á política partidaria em tudo isso.

Essas cousas, vindas do alto, reflectiam-se nos infimos degraos da hierarchia. Quando os grandes senhores do Exercito e da politica, quasi sempre confundidos numa mesma individualidade, procediam desse modo, não tinham o direito de estranhar que os seus commandados lhes seguissem o trilho. No entanto, o brigadeiro Sebastião Pereira Pinto escrevia ao Marquez de Barbacena (*10), em carta datada de 6 de Março de 1827, que os commandantes de unidades já se julgavam com mais autoridade que o commando em chefe, a ponto

Nota (*8) Esboço Bioaraphico do General José de Abreu, barão do Serro Largo, Revista do Instituto Historico-Geographico do Brasil, tomo XXXI.

Nota (*9) Quesitos propostos pelo Barão do Rio Branco ao general Osorio. Historia do General Osorio, 1.º vol., pag. 182.

Nota (*10) — Documento existente no Archivo Nacional.

de licenciarem suas praças sem lhe dar «qualquer satisfação».

Chegara ao bravo de 20 de Fevereiro a vez de ser provado. Elle, que pouco depois erraria duplamente, quer sob o ponto de vista doutrinario, quer sob o ponto de vista disciplinar, dos antecedentes do combate do Camaquam, não era um insubordinado: mas nem assim comprehendia como era bom desobedecer... A sua volumosa correspondencia com o general em chefe revela de sua parte um soldado criterioso. E penitenciava-se abundantemente ao transmittir semelhante queixa!

Tudo isso nos dá a impressão de que, ante a generalizada indisciplina do alto, a obediencia militar estricta ficava na dependencia do desprendimento pessoal de cada um, da influencia pessoal do chefe e mesmo do terror que elle inspirava a seus commandados de menor categoria (*11).

Resulta claramente, que é uma lição preciosa, que á falta de disciplina, de unanimidade de vistos, de solidariedade, deve o exercito que se bateu a 20 de Fevereiro de 1827 os successos mais desgraçados que nos saltearam nesse dia. Nenhum soldado se mostrou até hoje mais resignado nos sofrimentos do que esses veteranos do

Acampamento da Imperial Carolina (*12), nenhum foi mais bravo do que esses infantes do general Callado; unidos e firmes por traz da selva impenetravel das proprias baionetas, na jornada desastrosa da batalha perdida.

(Extr. de um livro em preparo).

Nota (*11) — Não obstante as peias do regimen local da época, os homens da tempora de Bento Manoel Ribeiro, Marquez de Souza, Corrêa da Cama e outros grandes lidadores daquelles tempos, não se detinham ante as primeiras resistencias pessoais. Eram «homens de cabello no peito», como então se dizia. Cada cabo de guerra, meio chefe politico, meio general á antiga, mandava em parte apoiado na lei do mais forte e era obedecido sem relutancias.

E' o que nos vem da tradição oral.

Nota (*12) — O Acampamento da Imperial Carolina, de tragica memoria, ficava nas imediações de Sant'Anna do Livramento. Foi fundado pelo brigadeiro Massena Rosado, que alli concentrou nosso Exercito, depois da derrota do general Bento Manoel em Sarandy. Como se sabe, a primeira phase da Campanha de 1825 desenvolveu-se no territorio da hoje Republica Oriental do Uruguay. Dados os nossos erros, ao terminar o anno de 1825 havíamos perdido completamente a «campanha do vizinho paiz», que ficou em poder dos nossos inimigos. Em Janeiro de 1826 foi exonerado do

Idéa de pontoneiro

Tres typos de pontes estão sendo empregados na Engenharia do nosso Exercito.

O primeiro foi adquirido nos E. U. da America do Norte e se acha actualmente no 3.º B. E., em S. Gabriel. E' constituído por uma armação de madeira forrada de uma lona muito forte e impermeavel que cobre o fundo e os lados do pontão.

Pelo pouco peso que possue, é o que mais se coaduna com a nossa topografia. Infelizmente, myriades de inconvenientes formam ao lado desta grande vantagem.

governo das armas do Rio Grande o intrepido José de Abreu e nomeado para substituir o brigadeiro Rosado. O governo castigava assim os homeas a que pouco antes galardoara com um titulo nobiliarchico.

O novo commandante deixou-se influencias pelo panico do primeiro momento e retrahio mesmo as tropas de cobertura, excepto a brigada Bento Gonçalves, para o malfadado acampamento.

F. de Paula Cidade
Cap.

Imagine-se o que não era o Rio Grande do Sul, quando não existiam as actuaes estradas de ferro e as estradas de rodagem existentes não passavam de rasos sulcos de carros de bois, que as necessidades de encurtar as distancias, por acclives médios, orientava sempre nos mesmos traços!

O atraso era tal que na província apenas existia uma ponte de madeira, nas proximidades de Rio Pardo.

Assim, pode-se dizer que se o commando anterior havia contribuido para a perda da campanha oriental, o commando que se seguiu dissolveu o exercito. As molestias varreram o acampamento da Imperial Carolina com mais violencia do que os pampeiros que vergastam aquella região.

Mas, não só ás molestias se deve a mortandade que alli se deu, por que as faltas de remedios não eram menores que os de vestuario, no inverno rigoroso que se seguiu.

Da tribuna do Senado, em 1877, dizia o general Osorio, testemunha ocular dos factos: «... esse exercito enterrou alli mais de 700 soldados mortos quasi á fome, no estado mais deploravel, sem medicamentos, sem hospitaes; tudo era miseria. Eu vi muitas vezes, quando se retiravam os batalhões do exercicio, deixarem, nas linhas das diferentes manobras, soldados como se estivessem mortos no campo da batalha, etc. Elles não tinham um pouco de farinha nem sal».

Em officios de 14 de Janeiro de 1827, escrevia o novo general, Marquez de Barbacena, que os doentes alli jaziam no chão «com menos espaço do que tem os pretos em navios de escravos». (Historia do General Osorio e Doc. do Arch. Nacional).

A sua grande vulnerabilidade, a ausencia de prôa, a sua grande superficie na frente, que diminue a resistencia da ponte devido á accão horizontal da corrente e do vento, a falta de forquetas para os remos, a sua pouca resistencia para supportar a accão do movimento das cargas pesadas, necessitar que as suas reparações sejam feitas sómente em terra, etc. são as accusações que «per summa capita» posso fazer contra o typo norte-americano. O segundo, projectado pelo Cap. Baptista Nunes e outros estudiosos de nosso Exercito, parece-me que já está provado não servir para o nosso caso. Finalmente, o terceiro, typo francez, é o mais aperfeiçoado que possuimos.

Como o anterior, resiste perfeitamente á oxydação, é estanque e facilmente reparavel. Possue um poder de fluctuação melhor do que o anterior, quer como embarcação, quer como suporte.

Tem contra elle ser muito pesado, só poder fazer curva de raio muito grande e não possuir nenhum dispositivo de insumersão em caso de naufragio.

Nenhum destes três typos nos serve. Diz o Coronel Malan com muita precisão, tratando destes dois ultimos:

«Sem opinião preconcebida, na mais louvavel intenção de acertar, podemos hoje preconisar um terceiro typo, que partilhe da excellencia evidente do modelo francez e que offereça as facilidades de transporte do typo brasileiro».

Respondo ao meu Cmt., apezar do meu pouco estudo, que o pontão nacional deve ser confeccionado com madeira.

A madeira é o nosso ouro colorado, foi ella que deu o nome a nossa patria. Encontral-a-emos em toda extensão do nosso territorio e das mais variegadas qualidades.

Iremos buscar troncos seculares no Norte e esbeltos pinheiros no Sul.

O pontão de madeira será muito mais leve que o francez e, portanto, de mais facil transporte. Deve ser estudado por nossos dirigentes por esse motivo.

O pontão de madeira tem o inconveniente de não resistir convenientemente ás alternativas da secca e da humidade. Esta desvantagem será posta á margem ao par das vantagens apresentadas.

A sua construcção pôde ser feita facil e rapidamente e por pouco dinheiro.

O nosso Arsenal em poucos annos formaria as equipagens necessarias aos Batalhões de Engenharia e ainda o material de reserva do Exercito, visto a facilidade em se obter a materia prima.

No meu pensamento de rapaz, ainda não ensinado pela sabia experencia, baila uma idéa: que daria mais resultado ao nosso querido Brasil nos utilisarmos dos pontões de madeira, do que irmos comprar em tão longinquas plagas um material visivelmente incompativel com o nosso meio: pesado, volumoso e, sobre-tudo, custoso.

Para provar a sua resistencia aos choques e ás ondas, basta um passeio á nossa bellissima Guanabara e ler no livro da natureza: barcos velhos sovados pelas tormentas ainda se acham em bom estado de conservação.

Além de tudo, o pontão de madeira é facilmente reparado, quando for necessário. Um pouco de massa ou de estôpa basta para se tapar as fendas por onde a agua se introduzir. Os pequenos furos, como os produzidos pelas balas de fuzil, poderão ser concertados com cavilhas de madeira. Os rombos produzidos por grossos projectis serão obstruídos por uma prancheta coberta de estôpa, de massa, ou de lama que se fixa por alguns parafusos.

Dizem os entendidos e os livros confirmam que, para se evitar os effeitos do calor sobre o pontão, deve-se calafetar as juntas das ripas com uma substancia hydrophila e inalteravel (o feltro de amianho, por exemplo) e por uma escolha criteriosa das ripas que formam o barco. Devem ser bastante estreitas e

cortadas das extremidades de taboas mais largas.

O calor tem acção sobre ellas, produzindo pequenas rachas que se fecham rapidamente ao primeiro contacto com a agua.

Para bem navegar, este pontão deve possuir uma fórmia alongada, aguda na prôa e pouco afilada na popa, uma bôa largura para possuir excellente estabilidade, um comprimento sufficiente ao bom governo e completamente aberto para favorecer a commodidade.

Para o transporte, deve ser transportado, como o pontão francez, sobre as bordas. Não se encherá d'agua em caso de chuva, augmentando o peso, nem será deposito de uma multidão de objectos, quando não houver uma rigorosa vigilancia.

Multiplas são as condições que um pontão de uma ponte de equipagem deve satisfazer, sendo algumas mesmo contradi托orias.

Um pontão deve ser: facilmente transportavel como um fardo, manejavel e espaçoso como uma embarcação, resistente e volumoso como um supporte, barato como necessitamos que tudo o seja, o reunir todas essas qualidades sem que suas dimensões e seu peso passem de certos limites.

Estudando com carinho e procurando com afinco trabalhar mais e mais para o desenvolvimento da minha arma, não desesperarei si a minha idéa não fôr feliz e esperançoso ainda aguardarei dias vindouros.

Te. Lima Figueiredo.

Themas de tiro de A. C.

Com os exames de bateria, terminou na A. C. o periodo de instrucção.

Ainda não se tratou até aqui do estudo do periodo de instrucção de um grupo. Isto não foge ao regulamento, cuja applicação não determina excepções. O facto é que este periodo, por certo um dos mais interessantes da tactica de artilharia, é tão possivel na A. C., como o é na montada.

O escalão de commando organizado com todos os elementos indispensaveis

ao seu funcionamento (signaleiros, T. S. F., codigo de foguetes, etc.), lançar-se-ia na pista seguida pelo seu chefe, o Commandante do grupo para o reconhecimento e escolha do P. C. e do P. O.

Estes exercicios, no começo limitados em zona de pequena envergadura, seriam aos poucos ampliados e eis um escalão de Commando em busca de um P. C., numa Ilha, num Costão, de bom campo de tiro, etc.

Pensando nesse modo de applicar á A. C. o regulamento de artilharia, comecei este anno a ensaiar a independencia entre o Capitão e o material.

O Capitão precisa, é verdade, manter-se proximo de seu material para bem commandal-o, porém, necessita tambem um vasto horizonte, onde c'le possa não só descobrir os seus objectivos como tambem fazer a judiciosa observação dos seus tiros.

Num caso de guerra, em que a defesa da costa esteja preparada com todos os elementos de reconhecimento, observação e regulação de tiros, é admisivel que um P. C. não se desloque, pois, uma excellente esquadilha de hydro-aviões empregada no reconhecimento marítimo pôde trazer o Commandante de toda a defesa a coberto de surpresas. Ainda, um hydro-avião de regulação, trabalhando por conta de um Forte, pôde trazer o Commandante deste intelectuado quanto ao resultado de seus tiros (sua regulação, efficacia, etc.)

Mas, uma vez que esta apparelhagem não existe em tempo de paz, por isso mesmo, um Commandante de bateria isolada deve cuidar do seu treinamento e do seu escalão de commando, no reconhecimento de Ilhas, Costões etc., para a escolha do posto de commando e de observação.

Então, o periodo de bateria na A. C. reveste-se de todo o encanto que tem o mesmo na A. M.: esta tem o cavallo, o material em rodas e segue pelo terreno variado e encantador entrecortado de rios, com as suas dobras, elevações e depressões, em busca da sua posição; fixa, lá segue o seu Capitão e o seu escalão de Commando numa pequena lancha ou num escaler de alto mar e eilô a desbravar ilhas agrestes, a lutar com o embarque e o desembarque. Se a ilha é muito elevada, vem a ascenção sempre difficult e espinhosa.

Uma vez conseguida a ligação optica (signaleiros), com a bateria, é iniciada a investigação do campo de tiro, raio de ação do material, (possibilidades de tiro, etc), determinação dos elementos do tiro, etc, tudo emfim que torna a A. M. tão attrahente. Sómente, uma grande facilidade apresenta-se aqui ao Capitão, é que elle não tem que fazer escolha da posição á ocupar pelo seu material e consequentes operações da collocação da bateria em posição e sua installação.

E assim, o tiro indirecto na A. C. é da maiss facil applicação, com todos os seus encantos.

Tendo orientado a instrucção do meu Forte, no periodo de bateria, como está exposto linhas acima, obtive excellentes resultados.

Diversas tentativas em saltar em Ilhas e Costões foram feitas, até que, com certo treinamento, consegui um escalão de Commando ligeiro e capaz de installar um P. O. e P. C. em qualquer accidente marítimo avançado.

Obtive uma dotação supplementar de munição e organisei o 1.º thema de tiro real.

Consistiu elle numa tentativa de regulação percutente de precisão, com 30 granadas, atiradas pelo tubo reductor dos canhões da cupola de 240 m/m. O numero de tiros era insufficientissimo, porém, quem não pôde gastar muito, gasta pouco.

O resultado para mim foi surprehendente e nesse dia, o meu escalão de Commando estava accrescido de todos os candidatos á sargentos e dos proprios sargentos da bateria, aos quaes, mostrei a regulação de um tiro e orientei nas suas observações.

O 2.º exercicio de tiro real coincidiu com o exame de bateria.

Organisei o seguinte pequeno thema dentro das possibilidades de tiro dos canhões do Forte: (1) SITUAÇÃO GERAL.

— Não existem fortificações no trecho da costa comprehendido entre as pontas do ITAIPÚ e do MARISCO.

O FORTE DA LAGE é o mais avançado dos que defendem a entrada da Barra do RIO DE JANEIRO.

Uma esquadra inimiga foi assignada, pela esquadilha de aviação em serviço de reconhecimento, á tarde de 17, na região a Oeste das ILHAS TIJUCAS.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Durante á noite de 17 para 18, o P. C. do FORTE DA LAGE deslocou-se para a ILHA DÉ COTUNDUBA onde já estava installado um P. O.

Um posto de radio — telegraphia agindo por conta do Commando Superior transmite a seguinte informação interessando directamente ao FORTE.

Holophotes do HARPOADOR, morro do LEME, e da ponta do IMBUHY em vigilancia, conseguem precisar que navios de luzes apagadas navegam na direcção de ESTE.

Na manhã de 18, o FORTE recebe a seguinte missão:

«Deveis intervir contra todo objectivo que se apresente na zona de acção compreendida pela ponta do LEME e a parte LESTE de COTUNDUBA (inclusive).»

Às 6 horas, o P. O. consegue divisar uma esquadilha de navios mineiros abrigada ao SUL — SUDOESTE de COTUNDUBA e ao mesmo tempo assinala dois CRUZADORES que parecem estacionar na região uma milha ao SUL — SUDOESTE da mesma ILHA.

ORDEM DO COMMANDANTE DA BATERIA

1.ª REGIÃO MILITAR:
SECTOR DE OESTE
FORTE DA LAGE

Cartas da Bahia de Guanabara de 1/50.000 P. C. na ILHA DE COTUNDUBA, 18 (dezoito) de OUTUBRO, às 6 (seis) horas e 10 minutos ordem de operações n.º 1 (ataque)

- I — Uma esquadilha de navios mineiros protegida por dois cruzadores procura abrigar-se ao SUL-SUDOESTE de COTUNDUBA.
- II — O FORTE vai atacar com todas as cupolas e torres com a seguinte repartição de missões:
 - a) — Os navios mineiros constituirão o objectivo das torres de 75m/m.
 - b) — Os cruzadores serão tomados como objectivos pelas cupulas de 240 m/m e de 150m/m.
 - c) — A cupola de 240m/m, eventualmente a minha disposição, para objectivos fugitivos.

EM CONSEQUENCIA:

- I) — Projectis:

As torres de 75 m/m empregarão a granada;

A cupola de 150 m/m empregará a granada coifada;

A cupola de 240 m/m empregará a granada puncção;

- 2 — Consumo de munição:

Será regulado de acordo com os efeitos observados e por conta deste Commando, segundo o código abaixo.

3) — A vigilancia das observadoras das torres e cupolas será feita na zona de acção compreendida entre a ponta do LEME e a parte LESTE de COTUNDUBA.

III — PREPARAÇÃO:

Não haverá preparação.

A hora H todas as cupolas e torres executarão seus tiros que serão desencadeados de acordo com o código abaixo.

IV — EXECUÇÃO DO ATAQUE:

A hora H será enviada provavelmente depois das 6 (seis) horas e 30 (trinta) minutos.

Depois do signal de cessar fogo, todas as cupolas e torres continuarão entretanto promptas á atirar.

V — LIGAÇÕES:

O posto de signaleiros do Forte, ligar-se-á ao posto de signaleiros do P. O. installado junto ao marco geodesico da ILHA DE COTUNDUBA.

Para o emprego de foguetes (caso não seja possível, pela cerração, funcionar a signalisação optica), será usado o seguinte código:

H..... 2 foguetes simples
Cessar fogo..... 3 , ,

O P. C. não será mudado durante a primeira phase do ataque.

Francisco Fonseca.

Para resolvê-lo transportei-me para a ILHA DE COTUNDUBA, que já havia escolhido pela carta para meu P. C. á 3.000 metros da LAGE.

Previamente, colloquei ao S. S. O. da Ilha, 2 alvos (pyramides triangulares de 2m,0 de altura com 2m,0 cada lado da base), perfeitamente invisíveis ao Forte. Estes alvos assim, davam-me uma zona a bater de quasi 800 metros. Depois, no tiro, verifiquei que o limite curto

estava a 4.000 metros e o longo á 4.850 metros.

Nessas condições, resolvi o problema, enquadrando o tiro no caso do tiro systematico que é um caso particular do tiro sobre zona.

Diz o R. T. A., TIRO SYSTEMATICO. — E' uma variedade do tiro percutente sobre zona; é realizado como o tiro sobre zona e sem regulação preliminar. Toma-se como alça provavel a distancia topographica na qual se introduzem todas as correcções que o caso porta.

A deriva é, igualmente, a medida na carta com as correcções convenientes.

A profundidade e a largura da zona variam com a precisão atribuida ás correcções introduzidas. Em todo caso, a profundidade nunca deve ser inferior a «dois garfos».

Não me seria possivel fugir deste caso porque:

- 1) — A dotação de munição na A. C. é muito redusida;
- 2) — Mesmo assim, cada canhão tem uma dotação, visto que são de calibres diferentes. Assim, enquanto as tres torres de 75 me permitiam fazer 18 disparos ao todo, as cupolas do 150 e 240, facultavam-me apenas 16 tiros mais, e, com uma dotação suplementar por mim solicitada para as torres de 75, consegui dispor no dia do exercicio do seguinte:

Torres de 75.....	70 tiros
Cupola 150.....	12 »
Cupola 240.....	8 »
	90 tiros

Era inevitável o emprego do tiro systematico, mesmo porque a determinação dos elementos de tiro foram feitos de acordo com este caso.

A prancheta de tiro do P. C. que organizei sobre uma carta da Bahia de Guanabara, continha as possibilidades de tiro de todos os canhões do Forte, previamente transportados desde o inicio do periodo de bateria.

A determinação da distancia pela carta foi feita com muita approximação e os

azimuths das cupolas e torres por meio da prancheta do P. C., com toda a efficencia desejada.

O mechanismo do tiro foi perfeito.

Uma turma de officiaes (1.ºs Tenentes Augusto, do Vigia, Cintra e Bretas de São João), acompanharam todas as operações no P. C. e tomaram parte mesmo na regulação dos grupos de tiro das torres de 75, enquanto a observação e regulação dos canhões de medio e grosso calibres eram feitos por mim pessoalmente.

No levantamento do tiro, se bem que não se tratasse de destruir os pequenos alvos com a precisão do tiro de fuzil, pois tratava-se de bater uma zona, constatou-se ter tido o que marcava o limite longo da zona, inteiramente destruído pelo penultimo grupo de tiros dos canhões de grosso calibre, o que aliás já tinha sido observado do P. C.

Terminado o tiro com pleno sucesso, o reembarque foi feito já ao anoitecer, com o mar bem agitado.

E eis como pode ser indirecto e encantador, cheio de sensações emocionantes, o tiro da A. C. — Um periodo de bateria assim, traz vida e vibração ao artilheiro de Costa.

Cap. F. Fonseca.

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

CAPITULO VIII.

ATAQUE PARAGUAYO A S. SOLANO

Um piquete brasileiro que se achava ocupando São Solano, composto de 67 homens e commandado pelo capitão Vasco Chananéco, foi atacado de surpresa por mais de 500 paraguayos a 6 de Setembro.

Resistindo heroicamente ao ataque, o piquete travou encarniçado combate, sendo logo após soccorrido pela divisão de cavallaria do general Menna Barreto, que, acampada perto, ouvira o tiroteio.

Graças a isso, foram os paraguayos rechassados, recolhendo-se a Humaytá.

A acção foi rapida e desordenada, como de costume, a bravura decidindo-a.

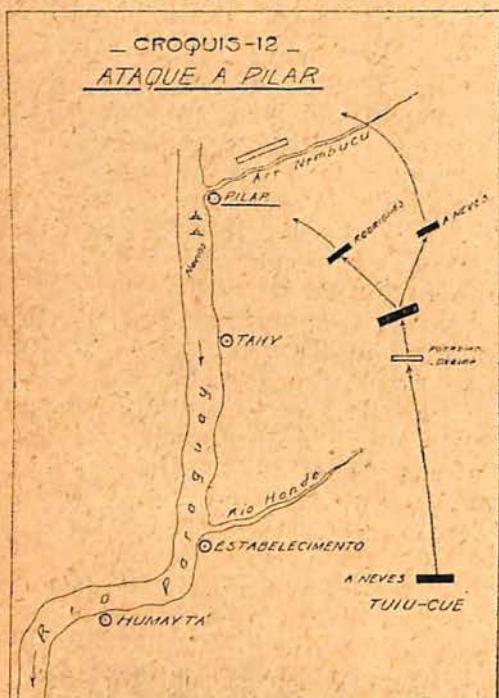
Tiveram os brasileiros 5 mortos e 6 feridos e os paraguayos 150 mortos,

1 oficial e 3 soldados prisioneiros, além de 100 rezes, alguns cavalos e armas que perderam.

O capitão Chananeco e seus auxiliares foram promovidos aos postos immedios pela bravura com que se portaram.

ATAQUE A PILAR

(*Croquis 12*)



O marechal Caxias, tendo tido noticia de que um destacamento inimigo occupava Pilar, ordenou ao brigadeiro Andrade Neves que o batesse, sendo que pouco antes do brigadeiro marchar no desempenho de sua missão um destacamento argentino, commandado pelo general Hornos, havia seguido em exploração ás margens do rio Paraguai, devendo ir até aquelle povoado.

Partindo de Tuyu-Cué a 18 de Setembro, o brigadeiro Andrade Neves encontrou no dia seguinte, em Potreiro Ovelha, um destacamento inimigo superior a 200 cavallerianos, cabendo ao 7.º e 11.º corpos de cavallaria o ataque a esse destacamento.

Rechassados facilmente, deixaram ali os paraguayos alguns mortos, 70 cavalos arreiaados, 200 rezes e muito armamento.

Mal terminára essa refrega, ouvio o brigadeiro Andrade Neves o troar do canhão em Pilar, comprehendendo logo que os paraguayos estavam atacando o destacamento do general Hornos.

Nessas condições, destacou imediatamente para aquelle ponto os coronéis Hippolito Ribeiro e Camillo Mercio, á frente de um contingente de cavallaria, com o objectivo de auxiliar o general.

Avançando em seguida para o mesmo ponto com o resto de sua cavallaria, encontrou em caminho o general Hornos e os reforços em retirada.

Convidando o general para atacar o povoado com o seu auxilio, o general recusou o convite, pondo, entretanto, á sua disposição um de seus regimentos.

A vista disso, tomando a frente de seus 1.500 cavallerianos, o brigadeiro Andrade Neves investiu contra o Pilar, o adversario retirando-se do povoado e estacando além do arroio Nhambucú, onde assestou seus 2 canhões.

Na mesma hora, soube o brigadeiro Neves que 1 chata e 2 vapores, saídos de Humaytá, subiam o rio, transportando reforços para os paraguayos.

Percebendo, pois, que urgia atacar quanto antes, ordenou o brigadeiro que o coronel Manoel Rodrigues entretivesse os paraguayos na margem direita do rio e se oppusesse tambem ao desembarque dos reforços.

Galopando em seguida á frente de sua tropa, passou o brigadeiro Andrade Neves, a nado, o arroio e, atacando de flanco o adversario, rechassou-o completamente, enquanto, por sua vez, o coronel Manoel Rodrigues, carregando impetuosamente sobre os reforços desembarcados, derrotava-os tambem, apezar do terrivel fôgo dos navios e chata paraguayos.

Cahio assim o povoado do Pilar em poder do brigadeiro Andrade Neves.

Tiveram os brasileiros 3 mortos e 22 feridos, e os paraguayos 100 mortos, inclusive o commandante, 84 prisioneiros, sendo 4 officiaes, e 32 feridos.

Perderam ainda os paraguayos 2 canhões, 220 rezes, muito material bellico, 1 instrumental completo de banda de musica, 1 chata e 4 canôas.

CONSIDERAÇÕES

O ataque ao Pilar foi uma operação habilmente concebida e melhor ainda executada, demonstrando a capacidade militar do bravo brigadeiro Andrade Neves.

Ordenando ao coronel Manoel Rodrigues que entretivesse o reforço que avançava em socorro dos paraguaios, garantiu seu flanco esquerdo e imediatamente atacou o flanco esquerdo do adversário na margem do arroio Nhembucú, como convinha.

A rapidez e a oportunidade dos movimentos, bem como o acerto na escolha do ponto de ataque, deram a vitória ao bravo chefe brasileiro, felizmente com uma noção nítida do que fossem operações militares.

O general Hornos, rejeitando o convite do brigadeiro Andrade Neves, perdeu uma bella oportunidade de fazer sobresair a bravura de sua tropa.

Quanto aos paraguaios, deixaram-se elos surprehender pela argúcia do adversário, acostumados que já estavam com os ataques frontaes simplesmente, o que aliás não lhes redime o peccado commettido contra a arte da guerra.

COMBATE DE UMBÚ

Depois do ataque ao comboio de que falamos páginas atrás, o general Porto Alegre ordenou que os comboios que seguissem para Tuyu-Cué fossem protegidos por fortes destacamentos emboscados, levando junto a elos apenas um corpo de cavallaria como escolta, corpo esse que apenas os acompanharia até 13 kilómetros de Tuyuty, dahi por deante sendo escoltados por destacamentos do 1.º corpo de exercito, que os iriam receber em caminho.

Mas, a 24 de Setembro, o adversário tentou novo ataque a um comboio que marchára, para o que fez avançar um destacamento de 900 homens, com 1 canhão, até 500 metros de Estero Rojas, com o objectivo de transpol-o e atacar o comboio.

Estacando, porém, em Estero Rojas, os paraguaios decidiram não transpol-o, naturalmente com receio de novo desastre.

Entretanto, o general Porto Alegre, querendo derrotar mais esse destacamento inimigo, ordenou o avanço do ge-

neral Albino de Carvalho, com os 4 batalhões de infantaria, os 2 regimentos de cavallaria e os 2 canhões emboscados, afim de que fosse transposto o estero e atacados os paraguaios.

Logo, porém, que estes perceberam o avanço das referidas tropas, trataram de retirar-se para suas trincheiras, procurando assim atraírem para alli o general Albino.

Este, porém, não se deixou illudir, retirando-se com seu destacamento, após haver deixado 1 corpo de cavallaria no local em que desde 11 de Agosto sempre estacionaria um regimento de protecção ás comunicações.

Mas, depois de algum tempo, percebendo que 1 regimento brasileiro ficaria isolado, o marechal Lopez ordenou que uma colunna de cavallaria, apoiada por 2.000 infantes, o atacasse.

O regimento teve de repassar o estero, á vista da superioridade numérica com que se apresentaria o adversário, mas o fez sustentando cerrado tiroteio.

Ouvindo a fuzilaria, o general Porto Alegre ordenou a contra-marcha de sua columna, e, reforçado por 2 batalhões de infantaria, repassou o estero e investiu contra o inimigo.

A cavallaria brasileira, carregando impetuosamente, destroçou logo a cavallaria adversaria, a infantaria paraguaya formando quadrado para resistir.

Mas o marechal Lopez, percebendo que a cavallaria brasileira se preparava para romper os quadrados paraguaios, mandou imediatamente grandes reforços de infantaria e cavallaria.

Nessas condições, o general Porto Alegre teve de ordenar a retirada de suas tropas, atravessando o estero para esperar do lado opposto o ataque, visto como percebera que, além dos reforços destacados pelo marechal Lopez, varias tropas paraguaias, até então emboscadas, sahiam a campo.

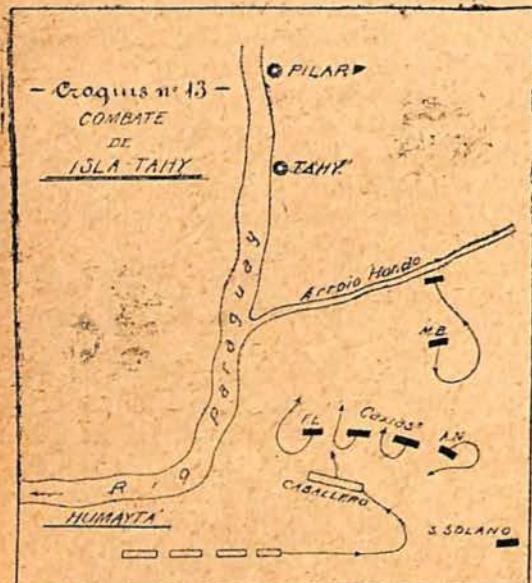
O inimigo, entretanto, não ousou atravessar o estero, regressando ás suas trincheiras, depois do que as tropas brasileiras tambem se recolheram a Tuyuty.

Essa acção, que os paraguaios denominaram de combate do Umbú, durou 5 horas e tiveram os brasileiros 12 officiaes mortos e 29 feridos, entre os quacs, o general Albino de Carvalho, e 400 praças fóra de combate,

Depois dessa refrega os paraguayos abandonaram a idéa de atacarem os comboios.

COMBATE DE ISLA-TAHY

(*Croquis 13*)



O marechal Caxias, observando que os paraguayos estavam enviando sucessivas columnas de cavallaria de suas trincheiras para São Solano, comprehendeu que elles preparavam certamente um ataque ao flanco dos aliados, de modo que tratou de tomar as suas providencias.

Effectivamente, a 3 de Outubro, pela madrugada, várias columnas de cavallaria paraguayas sahiram de Humayta, dando entusiasticos vivas e, ao toque de corneta e rufos de tambores, tomndo o rumo de São Solano.

Nesse ponto havia um destacamento de cavallaria brasileiro, mas o marechal Caxias, ao perceber o avanço dos paraguayos, seguiu para alli, ordenando que a brigada de infantaria, com 2 bocas de fogo, marchasse em socorro do destacamento brasileiro, que já havia rompido o tiroteio.

Ao perceber esse movimento, o inimigo estacionou, retrocedendo em seguida, como que procurando atrair os brasileiros para as suas trincheiras.

Rompendo fogo os 2 canhões brasileiros, os paraguayos emboscaram grande parte de suas tropas em um extenso capão, proximo ao qual estava a 6.ª di-

visão de cavallaria, commandada pelo coronel Antonio Fernandes Lima, e apoiada por 2 batalhões de infantaria.

A 2.ª divisão de cavallaria, commandada pelo general Andrade Neves, e a brigada de infantaria que acompanhára o marechal Caxias defrontaram o adversario, enquanto a 1.ª divisão de cavallaria, do general Menna Barreto, avançava para São Solano, conforme as ordens recebidas.

Os paraguayos conservaram-se firmes nas bôas posições escolhidas e sob a protecção da artilharia de suas fortificações.

O marechal Caxias decidiu desalojar os da posição, para o que simulou uma retirada.

Para isso, ordenou que a 6.ª divisão de cavallaria com os 2 batalhões de apoio, assim como a brigada de infantaria que o acompanhára, iniciassem a retirada, devendo fazer o mesmo a 2.ª divisão, do commando do general Andrade Neves, logo que chegasse a 1.ª divisão de cavallaria, que deveria ficar de observação.

Mas os paraguayos, tendo á frente o audaz general Caballero, não deixaram escapar a oportunidade de um bom ataque, e, tão depressa a 6.ª divisão iniciou a retirada, investiram contra seu flanco esquerdo, travando encarniçada peleja.

Retrocedendo rapidamente, o general Andrade Neves atacou a retaguarda do inimigo com a bravura costumada, enquanto o marechal Caxias ordenava a immediata ocupação da ponte sobre o arroio Hondo, por onde o inimigo poderia cortar a retirada, cabendo essa operação á 1.ª divisão de cavallaria, que no momento chegava.

Gracas a essas providencias e após uma lucta terrivel, foi o adversario completamente derrotado.

Tomaram parte nesse combate 2.000 paraguayos e 1.800 brasileiros, tendo aquelles 600 mortos e 200 prisioneiros, dos quaes 5 officiaes, e estes 22 mortos e 142 feridos, dos quaes 33 officiaes.

CONSIDERAÇÕES

No combate de Isla-Tahy, o marechal Caxias parece que não se houve com a necessaria pericia.

Deveria ter ordenado que o coronel Fernandes Lima procurasse cortar a re-

tirada do adversario, enquanto elle, com o grosso das tropas, o fixasse na posição ocupada e o general Andrade Neves, por um movimento rapido, contornasse a direita do inimigo, atacando-o nesse franco ou pela retaguarda.

Simulando a retirada como fez, sem garantil-a préviamente, como se impunha, arriscou-se a uma derrota desastrada e incompativel com o seu renome, derrota que felizmente o general Andrade Neves habilmente evitou com o seu retorno rapido e impetuoso.

Quanto á ponte do arroio Hondo, devia ella ter sido guarneizada desde o começo e não á ultima hora, como o foi.

Demais, o marechal Caxias dispunha de sufficiente cavallaria para todas esas operaçoes e poderia, talvez, ter envolvido o adversario, como seria acertado.

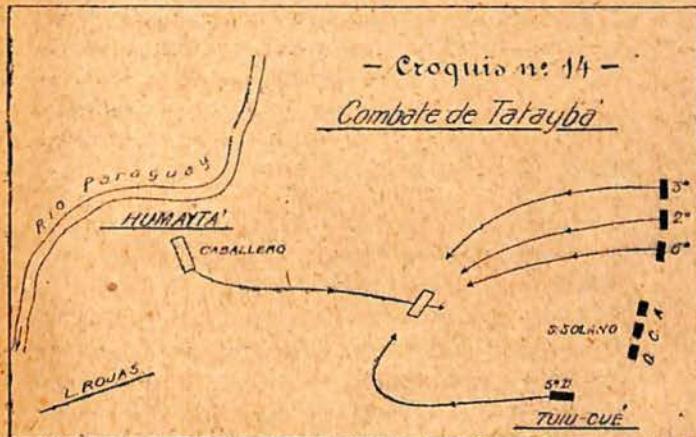
Quanto aos paraguayos, souberam elles aproveitar o momento opportuno para a carga contra o adversario, mas commetteram a grave falta de deixarem o flanco direito desprotegido, permittindo assim que o general Andrade Neves o contornasse, afinal.

Deixaram elles, além disso, que o adversario sahisse illeso de todas as faltas commettidas.

COMBATE DE TATAYBÁ

(Croquis 14)

- Croquis n.º 14 -
Combate de Tataybá



Diarilmente sahindo os paraguayos pelo flanco direito dos aliados, afim de darem pasto á sua cavallada, o marechal Caxias decidiu atacal-los e para isso pediu auctorisação ao general em chefe.

Obtida esta, reunio elle, a 20 de Outubro, os chefes das divisões de cavallaria

e ordenou o seguinte para o dia immedio:

As divisões de cavallaria — 1.ª, 2.ª e 6.ª — ocupariam as immediações de São Solano; a 5.ª emboscar-se-ia em um grande laranjal existente no acampamento de Tuyu-Cué, oculta ainda por uma parte das trincheiras da extrema direita; o 1.º corpo de exercito, ás ordens do general Argollo, seguiria para São Solano, ficando ahi como reserva.

A 21 ficou de sobreaviso todo o exercito brasileiro, tendo o general Osorio no flanco esquerdo, o marechal Caxias no centro e o general Argollo na direita.

Estava combinado que, ao signal do marechal Caxias, todas as tropas emboscadas atacariam simultaneamente a frente e o flanco do adversario.

Preparada assim a accão, aguardaram todos o momento opportuno.

O coronel Caballero, á frente de 2.500 homens, 5 regimentos de cavallaria, sahio effectivamente de Humaytá, como de costume, começando logo depois a dar pasto á cavallaria.

Apoiou elle o flanco esquerdo em um matto existente, fazendo frente a São Solano, e mandou appear, enquanto suas avançadas rompiam o costumado tiroteio com os postos brasileiros.

Pouco antes de 11 horas, a 1.ª, 2.ª e 6.ª divisões, em São Solano, começaram a tirotear com vigor, procurando atrair para esse ponto a attenção do adversario, e, tão depressa foi esse objectivo conseguido, souu o signal de ataque geral.

Rapido, o general Victorino, com a 5.ª divisão, investiu contra o flanco inimigo, enquanto o general Andrade Neves com a 2.ª, o general João Manoel com parte da 1.ª e o coronel Fernandes Lima com a 6.ª completaram o movimento.

Apanhado assim de surpreza, foi o adversario completamente destroçado em 1 hora apenas de refrega.

Tiveram os paraguayos 800 mortos e 150 prisioneiros, sendo 8 officiaes, e perderam quasi toda a cavallada, ao passo que os brasileiros apenas 10 mortos e 100 feridos.

No entanto, o dictador paraguayo condecorou os sobreviventes desse com-

bate, considerando-o como uma grande victoria de suas tropas.

CONSIDERAÇÕES

A surpreza de Tataybá, na qual os paraguayos foram completamente desbaratados, apezar da grande argucia e incontestavel bravura do coronel Caballero, pôde-se considerar como uma operação habilmente executada, se bem que não houvesse necessidade de um tão grande effectivo para leval-a a effeito.

O marechal Caxias despresou o sabio principio da economia das forças, mas bem poderá ser que a intrepidez do adversario, já muito conhecida, o obrigasse a tal.

Como operação de pequena guerra, a surpreza de Tataybá foi realmente aproveitavel e demonstrou, além disso, o quanto o principio do envolvimento é decisivo, quando applicado oportunamente.

Felizmente, o marechal Caxias não adoptava a mania do commando em chefe aliado, sempre aferrado aos ataques puramente frontaes, graças ao que a campanha se ia eternisando.

Fazendo a guerra com arte, o marechal Caxias crescia de dia para dia no conceito de seus commandados.

Quanto aos paraguayos, incidiram elles mais uma vez no lamentavel êrro de despresarem a organisação efficiente do serviço de segurança, do que resultou sua completa derrota.

No entanto, uma simples linha de vigilancia intelligentemente estabelecida teria evitado o desastre.

Cap. *Nilo Val.*

ERRATA

Em nosso artigo do n. 121 sahiram as seguintes incorrecções:

Pag. 859 l. 22 responperam em vez de respondendo.
 863 l. 33 judicialmente → → judiciosamente
 l. 34 bosques → → buques.

Da província

Deshonestidade profissional

Claras e conhecidas são as instruções transmittidas, pelo Governo Federal, com relação á attitude em que se deve manter o Exercito, em face da agitação politica que sacode o Rio Grande do Sul.

Essas instruções, como é publico e notorio, ordenam a neutralidade. Essa neutralidade, como é logico, só se refere á acção dos militares... visto como não pôde haver ordem que transforme os pendores intimos de um cidadão.

É justo, é humano, é direito assegurado pela nossa carta constitucional que cada official do Exercito dê o seu voto a quem bem entenda, pertença, portanto, á facção politica que julgar melhor.

Da liberdade de pensamento, porém, á actuação politica, vai distancia grandissima; do direito de pensar ao direito de agir, vai grande diferença; do direito de voto ao direito de fazer politica dentro das casernas, vai um abyssmo profundo e, isso porque não se pôde, absolutamente, confundir a neutralidade ordenada pelas autoridades superiores com a politicagem desenfreada que, ultimamente, tem campeado nos quartéis. Na minha desvalida opinião, acho que o partidarismo dos militares, na actual lucta politica, sobre ser uma flagrante e nociva desobediencia constitue, ainda, uma horrenda deslealdade, uma incoherencia profunda, incompatíveis com os compromissos solenes que todos nós prestámos, à envergar a farda.

A obediencia é a virtude fundamental do soldado. Sem ella... já mais haverá tropa efficiente, como todos sabem.

Quem não quer obédecer não pôde ser soldado.

Quem julga seus sentimentos politicos superiores ás suas virtudes militares, por isso mesmo, é um político fardado e, assim, num justo gesto de hombridade, deve despir a farda e, desafar-

gadamente, sem o menor prejuizo de sua luzida corporação, atirar-se aos ázares da política; aos horrores da luta fraticida, no nosso caso.

Mentir, porém, aos seus chefes, trair os seus colegas, afrouxar, dentro das casernas, os laços de disciplina, ser falso, valer-se da farda para encampar proteções, a esta ou aquella facção política, isso tudo é uma traição infamante, é um crime inominável que nos envergonha e que nos enxovalha; é, em duas palavras, uma *deshonestidade profissional*.

E' sempre necessário que o Povo tenha confiança no Exercito organizado para sua defesa.

E', pois, tão necessário que elle não trema pelo brio dos officiaes dessa cor-

poração, como é imprescindível que elle nunca perca a fé na disciplina inalterável que nelle deve existir.

Isso, entretanto, só se consegue obedecendo; isso só se consegue não considerando coisas mortas as instruções, leis e regulamentos, em vigor; esse grande objectivo só poderá ser alcançado, quando todos os militares, amando, desveladamente, os santos labores da caserna, não descurando dos seus inúmeros afazeres quotidianos, abominarem, sinceramente, abominarem, de vez, a «*deshonestidade profissional*».

São Luiz, 29-10-923.

Te. Osorio Tuyuty.

MEMORIA DE UM VOLUNTARIO DA PÁTRIA

CURITYBA 1865

(Do major CHRISTIANO PLETZ)

Em 1865, Curityba era uma pequena cidade, de pouco movimento, composta de casas baixas, isoladas umas das outras, e, na maioria com janelas sem vidraças, fechadas com rotulas. Havia somente uma ou outra rua, sem grandes intervallos de terrenos não edificados.

As ruas eram tortas, sem beneficio algum, e tanto serviam para o transito publico, como para mangueiras de vacas de leite; raras eram as casas que possuam calçadas, sendo feitas estas de pedras roliças.

Havia um unico sobradinho, na rua Fechada.

Pelas ruas transitavam carros de bois, carregando lenha e outros objectos e carretões, tambem puxados a bois, transportando materiais para construções. Eram os unicos veículos existentes.

A's portas das casas de negocio e pelas ruas viam se tropas de bestas carregando ou descarregando cargas, vindas de Antonina pela estrada do Itupava ou destinadas áquelle porto.

Não havia estradas de rodagem para parte alguma.

A cidade contava 5 igrejas — a da Matriz, a do Rozario, a Capelinha da Ordem e a de S. Francisco, todas em muito mau estado.

A politica não era extremada. Eram chefes políticos do Partido Liberal o coronel Joaquim Marques dos Santos, coronel Benedicto Enéas de Paula, Manoel e João Baitaca, dr. José Lourenço de Sá Ribas e outros e, do Partido Conservador, Manoel e João de Oliveira Franco e dr. Manoel Euphrasio Correa.

As familias viviam em plena harmonia.

Presidia a Província o dr. André Augusto de Padua Fleury.

Já se sabia em Curityba que o vapor Marquez de Olinda havia sido aprisionado em Assumpção por ordem do marechal Francisco Solano Lopes, dictador do Paraguay.

O povo commentava esse facto e aguardava algum acontecimento importante.

Este não tardou a verificar-se:—foi a declaração de guerra ao Paraguay.

A guerra não causou surpresa, pois já era esperada.

O governo do Imperio, só dispondo de uns 10 ou 12 mil homens do exercito, convidou o povo brasileiro a apresentar-se voluntariamente para a defesa da Pátria, promettendo aos voluntários, como recompensa, no fim da guerra, uma sorte de 23.500 braças de terras e 300\$000 em dinheiro para as praças de pret.

Passado cerca de um mês sem que ninguem se apresentasse, em 25 de Fevereiro de 1865, os irmãos Francisco e Christiano Pietz e João José Pichet combinaram entre si e resolveram apresentar-se, voluntariamente, ao Presidente da Província, afim de marcharem para o campo de batalha, sendo aceitos pelo Presidente.

Sendo os tres voluntários alferes da Guarda Nacional, o Presidente da Província escolheu Christiano Pietz, como mais velho, para comandante da Companhia e promoveu-o a 1º tenente, ficando a promoção dependente da aprovação do Governo Geral.

Desse dia em diante, seguindo o nosso exemplo, começaram a apresentar-se alguns outros moços destinados, como nós, ao Corpo de Voluntários.

As notícias da affronta á nossa bandeira desprezavam indignação em todo Paiz.

Uma entusiastica reacção fez-se sentir na capital e em outras cidades do Imperio, chegando até nós o echo desse movimento.

Havia em Curityba um alferes do exercito, de nome Lyra Flores, encarregado do Deposito de Artigos Bellicos.

O presidente nomeou-o para o posto de capitão commandante da companhia de voluntarios, em organisação.

Os voluntarios foram aquartelados e faziam, dia-rriamente, exercícios militares.

Com a incorporação de novos voluntarios, que vinham chegando de varios logares da Província, achando-se o seu numero elevado a mais de quarenta, o Presidente da Província ordenou que a Companhia marchasse para Antonina, afim de embarcar para o Rio de Janeiro.

A ordem foi alegremente recebida.

A companhia de Voluntarios da Patria formou em perfeita ordem, com o seu commandante e officiaes a postos, tendo a frente a banda de musica e de corneta.

Foi um notável acontecimento na então pacata cidade.

Eram rapazes, pertencentes a famílias conhecidas e amigas, que partiam para a guerra, sem saber se tornariam a ver os seus parentes e a terra querida.

O povo moveu-se todo.

Reinavam indiscritivel entusiasmo e emoção no seio do povo curitybano.

Na vespera da partida, fez-se em nossa casa, a rua da Assembléa, esquina da actual rua Cândido Lopes, um baile de despedida, ao qual compareceram jovens e senhoritas de nossas relações. Estas ofereciam e jogavam-nos flores. Como foi alegre... e triste esse baile—de despedida.

Quasi a hora da partida fomos os trez, eu, meu irmão Francisco e João Pichet, fazer as ultimas despedidas aos nossos paes e parentes.

O desditoso João Pichet, cheio de coragem e de esperanças, ao beijar nossa sobrinha Gabriella, uma creança de 2 annos, ouvio de seus labios inocentes estas palavras: —«Até logo! —que elle tomou como bom augurio, dizendo:

Esse—até logo da menina é signal de que todos nós voltaremos.

Não se realizaram os prognosticos infantis, pois justamente João Pichet ficará...

Apóz os ultimos preparativos, no quartel, sito á rua da «Entrada», a companhia poz-se em marcha, ao som de um dobrado militar e seguida de enorme acompanhamento.

O povo prestou-lhe sinceras homenagens.

As janellas notavam-se senhoritas e homens, que, á passagem dos voluntarios, agitavam lenços ou enxugavam as lagrimas.

Algumas casas fecharam-se:—eram aquellas em que se abria um vacuo com a partida dos jovens patriotas.

Faziam parte do acompanhamento as pessoas mais gradas da cidade, homens e mulheres, moços, senhoritas e crianças,

As senhoritas conduziam bandeiras e flores, que collocavam nos cinturões dos officiaes e praças.

E' difficil descrever o entusiasmo do povo:—os velhos enxugavam as lagrimas, os moços levavam vivas aos voluntarios e ao Brasil, acompanhando os jovens guerreiros até o alto da Glória, onde se deu a despedida.

Foi o momento mais commovente.

Muitos acompanharam a companhia a pé até o Bacachery, e alguns, que contavam com parentes e amigos entre os voluntarios, seguiram-na até Antonina.

A viagem, a partir do Bacachery, foi feita a cavalo, pela estrada do Itupava, sem nenhum incidente, até Antonina.

A chegada nessa cidade do litoral despertou a atenção e curiosidade do povo.

O embarque fez-se sem demora, pois se achava fundeado no porto o vapor «Ceres», aguardando a chegada da Companhia de Voluntarios.

Seguimos para o Rio de Janeiro, desembarcando no Arsenal de Marinha, de onde marchamos para o quartel do Campo de Sant'Anna, ficando ahi aquartelados, á disposição do Ministerio da Guerra.

No dia seguinte fomos visitar o ministro da Agricultura, o Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, que era nosso patrício e conhecido.

O Conselheiro Jesuino ficou contrariado ao saber que tinha ido só uma companhia isolada, quando deviam esperar para formar um batalhão de voluntarios paranaenses. Disse que ia se interessar para que a Companhia voltasse para o Paraná, afim de completar o batalhão.

Tal, porém, não sucede.

Estando em organisação o 4.º Batalhão de Voluntarios da Patria com os contingentes que iam chegando, todos os dias, das Províncias, fomos incluidos no mesmo, formando a 1ª companhia, sob o commando do Dr. Francisco Pinheiro Guimarães.

O 4.º de Voluntarios, como depois se verá, muito se distinguiu na campanha pelo seu heroísmo.

Na mesma occasião achava-se em organisação o 2º batalhão de voluntarios, sob o commando do tenente-coronel Manoel Deodoro da Fonseca, o qual devia embarcar juntamente com o 4.º e outros contingentes, no mesmo vapor, com destino a Montevideó.

Depois de 5 dias de permanencia no quartel, fazendo exercícios, embarcamos nos vapores «Apa», «Imperador» e «Imperatriz» e seguimos viagem para Montevideó.

No Rio de Janeiro grassava a variola, de modo que foi facil a contaminação:—em viagem desenvolveu-se a molestia e chegamos todos atacados do terrivel morbus na capital do Uruguay.

Os hospitaes de Montevideó estavam repletos de varioloso e no cemiterio daquella cidade ficaram sepultados numerosos patriotas brasileiros.

Demoramos em Montevideó cerca de 2 mezes em tratamento, seguindo depois embarcados para S. Francisco em Paisandú.

Ahi o exercito foi horrivelmente atacado de dysenteria, sendo muito disimado.

Dahi proseguimos no vapor de guerra «Maracaná», subindo o rio Uruguay e desembarcamos um kilometro abaixo da cidade argentina de Concordia, á margem direita do rio.

Nesse acampamento permanecemos cerca de um meze e meio, em convalescência, e depois de restabelecidos, seguimos por terra até Gualeguay.

Estando commandando a guarda do hospital o alferes Francisco de Paula Pletz e tendo de ser transportados todos os doentes para o hospital da Concordia, ajudando a erguer e collocar na padiola o referido alferes João José Pichet, que estava gravemente doente de typho, rendeu-se e teve tambem de baixar ao hospitaf,

O alferes Pichet fallecia, dahi ha poucos dias, no hospital.

Finou-se assim o jovem patriota paranaense, nosso companheiro e amigo leal, que tantas esperanças nutria de voltar á Patria e ao seio da família coberto de glorias !

Ao nosso desdito companheiro e amigo, cujas cinzas repousam no cemiterio de Concordia—longe da Patria—aqui deixamos estas simples palavras de recordação e saudade.

O alferes Francisco de Paula Pletz, submetido à inspecção de saude, foi julgado incapaz para o serviço e remetido para o Rio de Janeiro.

Em Gualeguay, onde estivemos cerca de 1 mez. campados, realizou-se uma grande revista em ordem de batalha, passada pelo general d. Justo Urquiza, governador da província de Entre Ríos, em cujo territorio nos achavamos acampados. Foi-nos todo o Exercito, cujas columnas ocuparam uma linha de mais de uma legua de extensão.

O general Urquiza passou a revista, montado em um bello cavallo rosilho e acompanhado de seu estado maior; apresentou-se bem fardado, de golas encarnadas, botas e chapéu de pêlo alto. Foi um bello espetáculo o dessa revista, que mais se apagou da memória.

Estavamos em vespertas de entrar em contacto com o inimigo e a anciadade da mocidade brasileira em desaffrontar o pavilhão auri-verde crescia com a aproximação do local, em que se devia ter a luta.

No dia seguinte marchamos para Gualeguaychá.

Durante nossa marcha o coronel paraguayo Estigarribia, commandando 12 mil homens, invadiu a Província do Rio Grande do Sul, entrando por S. Borja, onde se achava o 1.º batalhão de Voluntários da Patria, que, com alguns contingentes de cavallaria rio-grandense, commandados pelo general David Canabarro, foi hostilizando os paraguayos rio abaixo, pela margem esquerda do Uruguay, até que estes entraram na villa de Uruguayana, onde se entrincheiraram.

Os paraguayos foram ali sitiados, não podendo ser atacados por falta de infantaria.

O general Flores, commandante do exercito da vanguarda, sabendo que marchava uma columna paraguaya de 3 mil homens, commandados pelo coronel Duarte, com o fim de fazer juncção com Estigarribia, adiantou-se das forças de Osorio e bateu as forças inimigas em Jutahy, em frente a Uruguayana, e ficou ajudando o sitio desta cidade.

Em quanto isto se passava, os chefes mandaram a Gualeguaychá buscar uma brigada de infantaria do exercito de Osorio, para ajudar a tomada de Uruguayana.

Foram designados para esse reforço o 4.º batalhão de voluntários, de que faziamos parte o 11.º de caçadores e o 3.º de infantaria argentino.

No dia seguinte puzemo-nos em marcha forada.

Em 13 dias de marcha chegamos em frente a Uruguayana, no dia 18 de Setembro.

No dia seguinte atravessamos o rio Uruguay e fomos tomar posição na frente das trincheiras, que constavam de um grande vallo, com parapeitos de terra, guarnecidos com taboas, arrancadas dos solhos e portas da cidade.

As trincheiras estavam guarnecidas de artilharia em diversos pontos.

Achavam-se presentes D. Pedro II, Conde D'E Ministro da Guerra Ferraz e outros personagens importantes.

No dia 18 de Setembro de 1866, um dia claro e lindo, foi enviado ao inimigo um parlamentar com bandeira branca, intimando-o a render-se.

O parlamentar logo voltou sem ter obtido resultado algum, dizendo que tinham de pelejar á sombra do fumo de los canhões.

Em vista disso foi enviado outro parlamentar, que se demorou um pouco, trazendo a noticia da rendição da praça.

Na garupa dos soldados que compunham o piquete de guarda ao parlamentar, vieram alguns soldados paraguayos.

O exercito que se rendeu começou logo a desfilar para o campo em frente á cidade, deixando as armas, munições e bagagens em uma casa da cidade.

Os prisioneiros eram o coronel Estigarribia, o major Duarte, todos os seus officiaes e 7.500 soldados.

Por este feito de armas do exercito, fui condecorado com a medalha de prata que me foi collocada pendente ao peito direito.

Nessa noite organizamos um quadrado em frente á cidade, composto de 18 mil homens, com o fim de guardar os prisioneiros. No dia seguinte os prisioneiros foram divididos em 3 partes, ficando duas delas a cargo dos exercitos do Brasil e Argentina e a terceira a cargo do general Flores.

O coronel Estigarribia pediu para vir para o Brasil, depois de tudo concluído.

Depois desses acontecimentos marchamos para Corrientes, chegando a Lagoa Brava, meia legua distante daquella cidade argentina, após mez e meio de marcha.

Em Lagoa Brava, fizemos juncção com o exercito de Osorio, que continuou marchando durante nossa expedição.

Em Lagoa Brava estivemos acampados cerca de dous meses, em exercicio e descanso.

Proseguimos a marcha em direcção á margem do rio Paraná, acampando em frente ao forte de Itapirú, 1 kilometro acima das «Tres Bocas» na barra do rio Paraguay, onde se achavam fundeados a nossa esquadra de guerra e grande numero de navios mercantes de diversas nacionalidades.

Permanecemos nesse porto cerca de 2 mezes, assistindo o bombardeio diario da esquadra brasileira com o forte de Itapirú.

Em frente ao forte de Itapirú existe uma ilha, que foi ocupada á noite pelo nosso exercito e que era tambem bombardeada diariamente pelo inimigo.

Em 10 de Abril de 1866 foi atacada essa ilha por forças paraguayas, que foram rechassadas.

Foi uma luta gloria ! A pequena ilha estava guarnecidada por 2.000 homens, que a fortificaram com fóssoes e parapeitos, artilhando-a com 8 bocas de fogo entre canhões e obuzes.

O ataque começou as 3 horas da madrugada por quatro companhias de infantaria e cavallaria a pé, armadas de espadas, que se lançaram com esta arma e á bayoneta contra as trincheiras. Passada meia hora, o coronel Diaz, que do forte Itapirú, dirigia o assalto, despachou um reforço de mais 400 homens para ajudar a primeira columna, que se batia denodadamente.

Aquella luta terrível, a noite, em que se chocavam corpo a corpo os nossos bravos soldados

com os ferozes atacantes, terminou pelo desbarato e retirada destes, que, com enormes baixas, procuraram ganhar a margem esquerda do rio, sendo perseguidos e hostilizados pela pequena canhoneira «Henrique Martins», commandada por Joronymo Gonçalves, e «Grugnal», commandada por Marques Guimarães.

Os brasileiros tiveram 75 mortos, sendo 4 oficiais, e os paraguayos deixaram na ilha 642 mortos.

O coronel Willagra m'Cabrita, que escrevia a parte oficial do glorioso feito de armas, a bordo do navio «Coronel Fidelis», e o major Fernando Sampaio, que tambem se achava a bordo, sendo o vapor attingido por um projectil de canhão, foram por elles despedaçados, indo a pique o navio.

No dia 15 de Abril tivemos ordem de emmalar os capotes e preparar tudo para embarcarem de noite 10.000 homens, em 5 vapores, para desembarcarem no territorio inimigo no dia 16 desse mesmo mes. As forças, de que fazia parte o nosso batalhão, levaram 4 peças de artilharia, animaes e pranchões de madeira, para serem collocados em um grande lamaçal, existente á margem do rio.

Esta passagem foi feita debaixo do fogo do inimigo.

Dizem os entendidos, e eu penso tambem assim, que esta passagem para o territorio inimigo nas condições em que foi realizada, é um feito de armas mais importante de que a batalha do Tuiuty.

As forças brasileiras foram hostilizadas com exito pelo inimigo, que no dia seguinte offereceu batalha a Ozorio; sendo obrigado a retirar-se, afogado pelo numero.

A passagem que fizemos, do rio Paraná para o territorio inimigo, foi executada pelo general Osorio, com 10 mil homens brasileiros, a 16 de Abril de 1866, desembarcando de madrugada o exercito na margem esquerda do rio Paraguai, um kilometro acima das «Tres Bocas», e encontrando logo um piquete paraguayo, que já nos recebeu á bala.

O 4º batalhão seguiu na frente a marche-marche até um morro que existe a 42 kilometros do forte de Itapirú; a artilharia e outras forças avançaram para a esquerda.

Houve diversos tiroteios, não muito cerrados. O 4º batalhão de voluntários ficou formado nesse lugar, esperando ordem.

Nessa tarde, veio uma tormenta medonha, chuva, relâmpagos e raios, parecendo que tudo estava conspirando contra nós.

Passamos a noite formados e completamente molhados, sem comer nada, nem poder fumar um cigarro, mas não houve de parte dos paraguayos muito empenho para expulsar o inimigo de seu territorio.

Houve alguns pequenos combates na frente e na esquerda; o 4º ficou nessa posição todo o dia 17, protegendo a passagem com o general Flores á frente, avançamos e tomamos Itapirú de assalto, achando o forte abandonado, e continuando nossa marcha, com muita dificuldade para chegar ao Passo da Patria, um kilometro rio acima.

O Passo da Patria é uma praça de guerra, posse uma pequena egreja e diversas casas, e grandes quartelamentos de soldados, pequenas casinhas feitas de madeira para 4 e 6 soldados.

Estas casinhas ligadas entre si formavam ruas e casas. Existia tambem um cemiterio. Isto tudo, rodeado de uma enorme trincheira, com a competente artilharia, etc.

Com a nossa aproximação, o Lopez, não se juntando muito seguro ahi, resolveu o seu abandono com medo de ser-lhe cortada a retaguarda pelas lagôas Pires.

No dia de nossa passagem, subiu o rio Paraguai uma divisão da esquadra até a lagôa Pires.

O Lopez ficou supondo que o resto do exercito fosse desembarcar lá, motivo porque abandonou o Passo da Patria. Estivemos uns dias bombardando o Passo da Patria.

O Lopez, resolvendo o seu abandono definitivo um dia ao amanhecer, mandou por fogo em tudo o que não pudesse levar, projectando o incêndio grandes chamas e denso fumo que se viam longe.

No 3º dia avançamos e acampamos no Antigo Passo da Patria, onde estivemos em descanso o dia 2 de Maio, dia em que fomos atacados pelo general Diaz, combate esse que fez mover todo o exercito, avançando até Estero-Bellaco, onde ficamos até o dia seguinte, em que voltamos ao acampamento.

No dia 20 de Maio, o exercito todo marchou indo acampar em Tuiuty, na frente dos grandes entrincheiramentos onde Lopez contava liquidar com os exercitos aliados. Esse acampamento dava das trincheiras um kilometro mais ou menos ahi estivemos nos dias 21, 22 e 23. Estes tres dias foram de muito grande vigilancia, quasi sem dormir nem dormir, de capote emmaldado e de armas carregadas e ensarilhadas.

No dia 24, das 10 para as 11 horas do dia, tempo bonito e sol claro, estavamos recebendo refeições para o almoço quando ouvimos um grande tiro de morteiro atras das trincheiras e já ouvimos a artilharia Mallet, que se achava na direita do exercito da vanguarda do general Flores e também a artilharia oriental, hostilizando o general Diaz com suas forças, os quais tinham saído das trincheiras sem ser vistos e tinham chegado perto.

O 4º de voluntários da 3ª brigada estava á retaguarda do exercito do general Flores; a retaguarda foi o primeiro batalhão que entrou em combate; a 3ª divisão que se achava na esquerda teve de aguentar fogo o dia inteiro.

Vi passar o general Osorio 2 vezes, no meio de fogo montado em um cavalo picaço, acompanhado de duas ordenanças.

A sua passagem gritámos—Viva o general Osorio! Viva D. Pedro II! — isto no meio de um fogo medonho, no começo da luta.

A bandeira do 4º batalhão nesse dia, andou de mão em mão; o seu porta-bandeira, tenente Francisco Guedes de Aguiar Toledo, fazendeiro rico da cidade de Bananal, Estado de S. Paulo, morreu logo com uma bala no umbigo, e dahi em diante cada um que pegava a bandeira calhia logo, a que uma bala levou a haste da bandeira; sendo depois preciso emendar-a.

Assim passou se o dia 24 de Maio; no dia 25 manhã, era impressionante se ver o nosso acampamento juncado de cadáveres e a soldadesca a rastrear e reunir cerca de 5 mil paraguayos mortos e fazer grandes montões para serem queimados.

O commandante do 4º batalhão, dr. Francisco Nheiro Guimarães, foi ferido gravemente com 31 las e o major fiscal, ferido gravemente, morreu na viagem para o hospital de Corrientes. Meu capitão da 1ª companhia, Nestor Borba, recebeu u-

no peito, a qual saiu pelas costas, e assim
muitos.

O 4º batalhão sofreu horrivelmente e ficou re-
duzido à metade, tendo vindo um capitão do 6º de
fanaria para commandal-o; foi reorganizado de
ovo, e tomou o n.º 27 e assim continuou até o fim
da guerra.

Depois da batalha de 24, passados uns 8 ou 10
dias, Lopez nos mimosou com um bombardeio
fedelho, de nosso acampamento. De nossas bar-
cas ouvimos os estilhaços roncar o dia inteiro,
só houve alguns feridos.

Nos dias 16, 17 e 18 de Julho, fomos obrigados
a tomar de assalto uma trincheira que os para-
guaios estavam fazendo à esquerda, para nos in-
comodar com bombardeio em nosso acampamen-
to; trabalhavam de noite para não serem vistos.
Tomada dessa trincheira nos custou cerca de 5
mil homens.

O nosso batalhão, incorporado ao exercito, to-
mou parte activa nas operações até o fim da
guerra.

Não pretendemos, porém, escrever a historia da
terra e sim alguns episódios interessantes, dos
quais fomos testemunhas.

Terminada a guerra, houve como era natural,
grande regosijo em todo o paiz e no seio dos
exércitos aliados.

O nosso regresso devia ser assinalado com
grandes festejos, como era desejo do povo, mas a
recepção não pôde ser feita como ele desejava,
porque os sobreviventes não passavam de 10 a 12
e vinham chegando um a um.

O povo combinou depois, e fez uma grande fes-
ta que durou uma semana inteira. Foi arborizado
todo o largo da Matriz e algumas ruas com diver-
sos coretos muito lindos, todos os disticos relati-
vamente à guerra, sendo esses coretos, ocupados
por oradores, que discursavam todas as noites e de
dia também sobre os acontecimentos.

A manifestação feita pelo povo de Curityba aos
sobreviventes da guerra do Paraguai, não se pode
descrever. O entusiasmo era tal, que se pode
classificar de loucura.

Durante a semana inteira, uma multidão de povo
passava as noites nas ruas, desde o homem mais
humilde até o Presidente da Província, que anda-
va na frente com a bandeira, toda a noite, gritando:
Viva o Brasil! Vivam os Voluntários da Patria!

Andava atraç desta multidão uma carroça carre-
gada de cerveja e outras bebidas para fornecer a
diversas casas onde collocavam mesas com muitos
doces, à disposição dos voluntários, e ahi falavam
os oradores e senhoras e senhoritas, e dahi sahiam
para a rua com a mesma exaltação até outra casa,
onde faziam o mesmo.

As manifestações patrióticas duraram a semana
inteira e deram a prova exacta do jubilo popular.

Existem em Guarapuava quatro veteranos sobre-
viventes da guerra do Paraguai: Christiano Pletz,
major honorário do exercito, tendo servido como
1º tenente e promovido depois, com 82 anos de
idade; Fidencio Leme do Prado, major honorário
do exercito, tendo marchado como soldado na 1.ª
companhia de Curityba, fez toda a campanha de
muchilla às costas, sendo nomeado oficial no fim
da guerra por acto de bravura, com 76 anos de
idade; soldado Amado José do Nascimento, com
75 anos de idade e José Elias dos Santos, com 85
anos de idade.

Guarapuava, Novembro de 1920.

Factos & Notas

A Defesa Nacional no Senado

O ilustrado senador pelo Paraná ge-
neral Dr. Carlos Cavalcanti de Albuquerque,
que tem prestado os mais assignala-
dos serviços ao nosso paiz, quer como
político de grande brilho, quer como
chefe militar que foi dos mais distintos
e operosos, apresentou á consideração de
seus pares, na sessão de 22 do mez pas-
sado, a seguinte

EMENDA

A proposta n.º 55, de 1923:

Accrescente-se, depois das palavras
«Rio de Janeiro»: bem como «A Defesa
Nacional», revista de assuntos milita-
res, publicada na mesma cidade. O mais
como está.

Justificação

Não ha no meio militar quem não
conheça a importante publicação de que
cogita esta emenda. Vulgarizando com
tenacidade e intelligencia os estudos pro-
fissionaes, só essa revista, mercê do es-
forço continuo e abnegado de seus man-
tenedores, em uma cruzada patriótica que
já vae para dez annos, tem produzido
maiores benefícios ás classes armadas,
do que não importa que outro instru-
mento qualquer, adrede preparado para
obter a transformação que ella, entre-
tanto, viu surgir espontaneamente, na
maneira de ser dos nossos quadros, gra-
ças em grande parte á sua pertinaz actua-
ção, nelles despertando a devoção magni-
fica pela Patria, nessa inquebrantavel
porfia que até hoje não cangou, para
obter o aperfeiçoamento na arte de com-
mandar tropas, cada vez mais efficientes.

Nada, porfanto, de maior utilidade
pública do que a referida revista.

Sala das sessões, em 22 de Novem-
bro de 1923. — Carlos Cavalcanti.

A nossa revista, se bem que acostu-
mada desde muito a receber do presado
chefe e amigo as mais inequivocas pro-
vas de amizade e deferencia, nem por isso
pôde deixar de apresentar-lhe, como o faz
neste momento, os seus mais sinceros
agradecimentos.

EXERCITO BRITANNICO

O efectivo para o anno de 1923-24 do exercito permanente, segundo a proposta do governo, foi fixado em 170.800 homens. Para o exercito territorial foi fixado um efectivo de paz de 7.956 officiaes e 172.257 praças.

EXERCITO NORTE-AMERICANO

O relatorio official relativo aos progressos do armamento durante o anno de 1922 consigna o seguinte:

Mobilização do material — Foram criados 13 districtos de fabricação de material de artilharia, tendo por fim descentralizar e facilitar a produção, sendo preciso. Cada director de districto tem á sua disposição um official do exercito activo, o pessoal preciso para a organisação em pé de guerra sendo escolhido durante o tempo de paz.

A organisação do pé de guerra funcionará paralelamente á do serviço de fabricação das dependencias do «Chief of ordnance».

A maior parte do material preciso para uma guerra de certa duração tendo de ser construída por estabelecimentos industriaes, cooperadores da preparação nacional, em cada districto os traçados sejam os mesmos, evitando-se assim toda a perda de tempo e de rendimento na fabricação das munições.

Fuzis — A fabrica de Springfield fabricou 20.202 fuzis. Em Fort-Benning se experimentaram 25 exemplares de cada modelo de alça, estando muito adeantadas outras experiencias relativas á ampliação dos carregadores e estudando-se ainda activamente a applicação de um aço inoxidável.

Metralhadoras — Foram lavrados contractos para o fornecimento de 56 metralhadoras Browning, de 50 calibres, como metralhadoras de aviões, e foram tomadas providencias para a fabricação diaria de 5 metralhadoras.

Fuzis automaticos e semi-automaticos — O fuzil-metralhador Browning foi escolhido em substituição do actual fuzil-metralhador de cavallaria; foram adquiridos, depois de experimentados, 20 fuzis semi-automaticos Thompson; estão sendo experimentados 2 fuzis semi-automaticos novos.

Capacetes e couraças — Foram experimentados de duraluminio, mas provado que esse metal não satisfaz condições exigidas.

Munição para armas portateis — confeccionado um novo modelo de tucão perfurante de 30 calibres, que o fabricado em maior quantia é o de 50 calibres. Está em experiência um novo tipo de cartucho.

Material de infantaria — Experimentou-se um modelo de reparo de taria para obuzes ligeiros de 1,8 pollegadas, ficando patente que o material não satisfaz ás necessidades infantaria.

Estuda-se agora um canhão com uma velocidade inicial de 600 que, com o obuz de 75 mm. ou de 56 mm., ha de constituir o armamento de acompanhamento da infantaria.

Esse material será transportado um certo numero de cargas de um médio de 75 libras (34 kgs.)

Material de montanha — O tipo de material de montanha, contendo no obuz de 75 mm. com 5.900 de alcance, foi terminado em 1922 e experimentado pelos serviços de «Ordnance Department» e de artilharia de canha. Continuam os estudos para a criação de um material mais poderoso, uma velocidade inicial de 380 m., ou menos, e um alcance de 8 kms.

Artilharia divisionaria — Experimentou-se um canhão de 75 mm. obuzeiro de 105, tendo-se obtido respetivamente os alcances de 13.710. 11.000 m. Proseguem os estudos a peito.

Artilharia de corpo — O canhão 4,7 poll. e o obuzeiro de 155 mm. criados segundo as indicações do «Vanevelt Board», revelaram certa debilidade, prosseguindo o estudo. O reparo permitiu um deslocamento de 60° e um gulo de 65°. O alcance do canhão é 18.500 m. e o do obuzeiro de 14.500 m. O peso na posição de tiro é de 5. Proseguem os estudos a respeito.

Artilharia de exercito — Estudam-se experiencias um canhão de 155 mm. 22.800 m. de alcance e um obuzeiro de 203 mm. com o alcance de 16.400 m. Permite um angulo de 65°, deslocamento transversal de 60°, em bateria, 10.896 k., mais ou

Estuda-se uma viatura para o transporte desse material.

Artilharia ante-aérea — Estão em experiências canhões de 3 e de 4,7 poll., os tendo 850 m. de velocidade inicial.

Atiram em qualquer direcção azimuth e com um ângulo de 80°.

Morteiro de trincheira. — Está em andamento um tipo de morteiro de 155, que para um projectil de 22,700 kg.

Apparelhos de observação do tiro — Faziam-se estudos sérios sobre a observação do tiro da artilharia de costa e ante-aérea, achando-se um sistema automático de transmissão do posto de observação, bem como a previsão automática da posição do objectivo e da correção a fazer-se. O estudo dos telemetros progredido.

Material para aviões — Modificam-se alguns canhões de 37 para serem usados nos aviões. Seu mecanismo é semi-automatico. O serviço de aviação tem um canhão automático com um efeito máximo de 56 k. e uma velocidade final de 600 m. Os estudos continuam, curando-se interessar nesses os industriais.

Material de 16 pollegadas — O canhão e o obuzeiro de 16 poll. (406 mm.) foram submetidos a provas de tiro. O resultado não representa um notável progresso da artilharia de costa. Obtem-se tiros de canhões de 50 calibres a todos os ângulos entre -7° e +65°. Outras experiências se têm feito.

Material de 14 pollegadas — O material de 14 poll. (355 mm.) sobre via (canhão de 50 calibres) pôde ser transportado, numa pequena plataforma. Seu projectil perfura a couraça dos navios a grande distância. Pôde ser empregado com vantagem na defesa das costas, graças à sua mobilidade e tempo de que precisa para entrar em eria.

EMPREGO DA ARTILHARIA

O coronel Weitershansen publica «Militar Wochenblatt» um artigo interessante sobre a artilharia.

Elle a divide em 4 grupos principais: artilharia de batalha (comprehendendo os pequenos calibres até 10 cm. e inédios até 18 cm.); as esquadrias de bombardeio, que substituirão mais de grande parte da artilharia pesada

e de grande potência; artilharia ante-aérea; artilharia transportada nos carros blindados de combate.

Os dois primeiros grupos agirão reunidos ás ordens dos commandantes da artilharia; a artilharia ante-aérea ficará independente; a dos carros de combate ficará á imediata disposição da infantaria. O coronel julga mais prático e económico o emprego dos aviões para o lançamento de grandes massas de explosivos a grandes distâncias, preferível a construir peças de grandes calibres, que são de pouco rendimento, quer pelo seu peso e custo, quer por sua pouca duração.

Ampliado o emprego dos aviões de bombardeio, será preciso organizar a artilharia ante-aérea afecta ás divisões.

Para a utilização dos gases, bastam os calibres médios e pequenos.

A bateria deverá constar de 3 peças, pois que assim se facilitará o commando e o aproveitamento do terreno em bôas condições táticas.

As munições deverão compreender 50% de granadas de gases e outro tanto de granadas explosivas de espoletas muito sensíveis. O remuniciamento durante o combate deverá ser feito por carros blindados automóveis.

Cada bateria deverá ter um destacamento de reconhecimento e transmissões de 20 a 30 homens. Os commandantes da artilharia de divisão e do corpo de exercito deverão dispor de meios de ligação.

A infantaria precisa hoje ser acompanhada por uma artilharia ligeira, que deverá ser montada em carros de combate para acompanhá-la em toda parte, devendo fazer parte integrante dos regimentos de infantaria, como as metralhadoras, que também deverão ser transportadas em carros blindados.

Assim, o coronel de infantaria, com seus autos-canhões, suas metralhadoras e lança-bombas ligeiras, poderá fazer frente ás diversas eventualidades, ainda mesmo quando a artilharia propriamente dita não pudesse intervir.

HYDROAVIÃO «CASPAR».

Acaba de construir-se na Alemanha um interessante apparelho e que tem como principal característico o facto de poder ser conduzido por um submarino,

Expediente

A consignação em folha para o pagamento das assignaturas não é obrigatoria.

Adoptando-a, nossa revista tem em mira facilitar sua administração, offerecendo tambem um meio commodo de pagamento aos camaradas, que nos prestarão inestimavel serviço e muito nos auxiliarão se tambem preferirem essa forma.

Aos nossos presados assignantes, entretanto, competirá decidir, e acataremos com prazer a vontade de cada um delles.

se bem que considerado hydroavião de sport.

As experiencias realisadas demonstraram que 4 homens podem armal-o em pouco mais de um minuto e desarmal-o e guardal-o n'um pequeno espaço (dentro de um cylindro).

Desenvolve a velocidade maxima de 140 kms. e com toda a carga se conseguiu fazel-o decolar em 8 segundos. O motor Siemens, de 60 H. P. e 5 cylindros, consome por hora uns 15 kgs. de essencia e 800 grs. de oleo, de onde resulta que o hydroavião é de 2 horas de raio de acção.

NOVO CARRO DE COMBATE

Dizem que as officinas Wickers, da Inglaterra, estão construindo um carro de combate novo, tendo um raio de acção de 1.000 milhas e uma velocidade de 25 milhas por hora.

O carro dispõe de uma pequena torre couraçada e tem o comprimento de 10,7 metros.

TRANSFERENCIAS DE ARMAS

Em consequencia do augmento do quadro de officiaes de artilharia e reducção dos demais, o governo francez resolveu transferir para aquella arma um certo numero de officiaes de infantaria e cavallaria.

Dos officiaes que voluntariamente aceitaram a transferencia, um certo numero já fez a pratica correspondente nas unidades de tropa e no corrente anno ficarão na Escola Militar de Artilharia de Foutainbleau 5 mezes os officiaes superiores e 7 os capitães e subalternos.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos :

A manobra da infantaria, precioso opusculo de 44 paginas e 1 carta em o tenente-coronel G. Barrand e o m. Paes d'Andrade enfeixam uma série de sinamentos divulgados na Escola de Est. Maior sobre os seguintes pontos: A infantaria na batalha; fogo e movimento objecto da manobra; o fogo da infantaria; E mais: A idéa de manobra; objectivas bases do raciocinio para determinar desbordamento e envolvimento; disposições para a manobra; dosagem dos esforços; escalonamento em largura e profundidade; reservas.

O trabalho termina com a applicação a um caso concreto, estudo com todas as minucias e desenvolvido com a profecia que caracteriza os dois brilhantes officiaes.

E' um livrinho imprescindivel officiaes de todas as armas.

A Defesa Nacional ou O regulamento do sorteio militar em linguagem popular pelo capitão Gentil Falcão, precioso livrinho em que o auctor enfeixa oito conferencias por elle realisadas em M. Geraes no anno de 1909, tomando a brilhante parte na cruzada de então.

E' um trabalho de valor. O seu autor demonstra, ao par de um grande patriotismo e desprendimento, uma copiosa量 of conhecimentos cuja divulgação se tornaria necessaria na época em que a sorteio sofreria os maiores ataques e sava de paladinos cultos e habeis em elle. Seu serviço ao paiz e ao Exercito foram notaveis, merecendo por isso sinceras felicitações que lhe endereçam nestas ligeiras linhas.

Muito gratos pelo exemplar oferecido

GUIA PRÁTICO

para
Resenhas
nos corpos de tropa
pelo

T.º Alpheu Baptista

Preço 3\$000

Livraria "Alves Rua do Ouvidor, 166
"Leite Ribeiro" Rua Bitencour da Silva,